

## OS ESTUDOS SOBRE AS MULHERES EM FILOSOFIA

*Teresa Joaquim*

Resumo Introdução — breve percurso dos Estudos sobre as Mulheres em Portugal (1978-2001). Uma genealogia feminista e crítica. A questão do corpo feminino. “As mulheres são excluídas, não da palavra política, mas filosófica”. Estudos sobre mulheres e arte. O texto pretende retrazar o percurso dos Estudos sobre as Mulheres (e enquadrar a sua denominação em contraponto a Estudos Feministas) não só no âmbito da sociedade portuguesa nas décadas de 80 e 90, como no contexto das Ciências Sociais em Portugal. Do questionamento dos conceitos, tarefa fundamental de filosofia e fulcral no âmbito dos *Women’s Studies*, faz parte uma perspectiva crítica e genealógica.

Palavras-chave Estudos sobre as Mulheres, ciências sociais, filosofia, corpo.

### Preâmbulo

Não tenho o gosto pelos inventários, tenho o gosto pelos dicionários, pela deriva das palavras, pela descoberta de uma palavra como se ela surgisse de novo, com outra intensidade buscando novos sentidos.

Tentar escrever, fazer o balanço, tomar o pulso — a sua intensidade — é sempre uma posição difícil, na qual se corre o risco de omissões, de esquecimentos de diversas ordens: por ignorância, por escolha deliberada e/ou ocultamento (as referências que se fazem de tal ou tal autor /a), a subjectividade implícita nessa escolha que tem a ver necessariamente com o meu ponto de vista de leitora, de leitura; com a melhor compreensão, do ponto de vista teórico, do que é dito, formulado, transformado.

Um balanço é, neste caso, assumir responsabilidade face à leitura que se propõe e ao percurso no qual nos inscrevemos, do qual fazem parte os textos dos outros — através de citações — como se desse modo se dissesse a polifonia das vozes no texto que se escreve. Como afirma Derrida (1992): “Não há uma interpretação historicamente neutra dos Estudos sobre as Mulheres”.

### Introdução: breve percurso dos Estudos sobre as Mulheres em Portugal (1978-2001)

À partida, reflectir e percorrer o impacto dos Estudos sobre as Mulheres na produção científica nacional leva-nos a ter em conta dois aspectos, a saber: o contexto e a evolução das Ciências Sociais em Portugal, por um lado, e a possível articulação com o movimento feminista, por outro.

Seria necessário reflectir sobre a história da investigação científica social em Portugal, as suas omissões e aberturas aos 'novos' objectos como juventude, quotidiano, corpo, família, e também as 'mulheres'.<sup>1</sup> O outro aspecto é saber se houve (ou se há) alguma articulação entre o movimento feminista e o aparecimento de cursos, seminários, mestrados, etc. a nível das instituições universitárias; debate que se coloca, por exemplo, no Brasil (cf. Heilborn e Sorj, 1999, e Corrêa, 2001 — conferência proferida em 9 Dez. 2000, na Universidade Aberta). Esta questão deveria ainda ser articulada com a afirmação de posições diferentes sobre a existência ou não de um movimento feminista no pós 25 de Abril de 1974 (cf. Magalhães, 1998; Tavares, 2000; Amâncio, 1998;<sup>2</sup> Ferreira, 1999; Joaquim, 1999b) e a sua possível incidência nos Estudos sobre as Mulheres.

Quando em 1987 fiz o levantamento sobre "a investigação e ensino feministas e/ou sobre as mulheres", financiada pela Comissão Europeia e coordenada pelos *Cahiers du Grif* no âmbito do projecto europeu GRACE, sobre Estudos sobre as Mulheres, que consistiu na elaboração de uma base de dados, um guia para estudantes e a edição de publicações temáticas e ainda na realização de seminários europeus (cf. *Cahiers du Grif*, 45, Outono 1990, sobre *Savoir et Différence des sexes*), a maioria das respostas das investigadoras ao questionário enviado referiu que trabalhavam na área dos estudos sobre as mulheres e não em estudos feministas ou femininos. No relatório que na altura elaborei, reconhecia que

houve uma grande aceitação do questionário, tanto da parte das instituições como das investigadoras/es, mesmo se é curioso observar que nem todas/os as/os investigadoras/es que trabalham nesta área responderam: uma hipótese é talvez que estas/es investigadoras/es não queiram que a sua imagem nos meios universitários fique ligada ao mundo dos "estudos sobre as mulheres", o que é facilmente compreensível, sabendo-se da fraca implantação universitária destes estudos, da sua falta de credibilidade a nível da comunidade científica portuguesa.

Mesmo se já em 1983 tinha sido organizado pela Comissão da Condição Feminina (actual CIDM) o primeiro seminário sobre esta área de estudos, tendo depois, em 1985, dois seminários constituído um marco institucional importante nesta área, organizados respectivamente pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e pelo Instituto de História Económica e Social da Universidade de Coimbra. Deve ser dito que o peso destas instituições atraíu alguns/as investigadores/as que tiveram aí uma intervenção esporádica. Já em finais de 1986 referia Ana N. Almeida, no artigo "As mulheres e as Ciências Sociais — o objecto de

investigação", em que fazia o balanço dos artigos publicados por mulheres na revista *Análise Social* e constatava que os temas por elas estudados não divergiam dos dos homens: "a curto e a médio prazo não me parece que a situação mude de forma significativa: a abertura para novos domínios de investigação contemplou domínios diferentes dos femininos; os projectos de doutoramento têm objectos diferentes desse" (Almeida, 1986: 128). Deste modo, enquanto algumas assumiam a escolha dum objecto de investigação ligado "às mulheres", houve sempre quem trabalhasse nesta área sem assumir essa escolha no âmbito do seu percurso académico, nomeadamente a nível das teses de doutoramento, penso que pelas mesmas razões que invoquei anteriormente para a ausência de resposta ao levantamento do projecto GRACE ou para uma mera intervenção em seminários organizados por instituições de reconhecido mérito e prestígio científicos; podendo esta participação pontual não significar uma mudança de perspectiva teórica nas investigações realizadas e podendo pois coexistir com outras investigações sem haver contaminações entre elas do ponto de vista das questões epistemológicas que os Estudos sobre as Mulheres trouxeram.

Este paralelismo em termos de percursos teóricos e esta ausência de contaminação também é significativa das formas e dos tempos diversos de adesão aos Estudos sobre as Mulheres do ponto de vista científico. Além do mais, deve ser dito que estas formas e os tempos de adesão não são exclusivos desta área de estudos, sabendo-se que, num momento ou noutro, há sempre efeitos de moda de que não estão certamente ausentes efeitos de poder.<sup>3</sup> Não se pode esquecer no entanto o que Beauvoir, Le Dœuff ou Deleuze/Guattari<sup>4</sup> dizem sobre o sofrimento na criação de pensamento e na criação de uma obra. Isso deve ser dito também nesta área de estudos, nomeadamente as que enfrentaram instituições académicas com a apresentação de teses de doutoramento nesta área.

Há sistematicamente a necessidade de trabalhar sobre a memória, nos dois sentidos nietzschianos: no sentido de provocar ligeireza, de não ficar preso ao passado, no qual é necessário esquecimento, mas também é necessário lembrar quando os 'efeitos de poder' e de moda que lhe podem estar ligados cultivam a amnésia, que Diane Lamoureux refere, por exemplo, nas lutas pelo direito de voto:

A história do desenvolvimento dos direitos políticos no mundo ocidental está de modo usual/habitual marcado por dois fenómenos de amnésia colectiva partilhados por muita gente. A primeira é que a tradição democrática moderna, tanto quanto a sua contrapartida antiga (na Antiguidade), é marcada pela exclusão. (...) A segunda amnésia diz respeito às lutas pelo sufrágio feminino. (1997: 47-48)

Este número da *ex-æquo* pode ser também um contributo importante para reflectir sobre esta questão. Diz Gerda Lerner:

A história é algo mais do que uma memória colectiva: é memória formada e construída para ter um significado. Este processo através do qual os seres humanos conservam e interpretam o passado e logo o reinterpretam, à luz de novas questões, é

'fazer história'. Não é um luxo intelectual supérfluo, fazer história é uma necessidade social. (*apud* Buttafuoco, 1990: 48)

Deve ainda ser destacado o trabalho que desde a sua institucionalização, em 1977, a CCF/CIDM realizou, a saber:

- criação de um centro de documentação especializado;
- seminários e conferências (1.º seminário em 1983);
- apoio financeiro a estudos;
- edição de publicações;
- edição de bibliografias;
- levantamento das dissertações realizadas e de artigos de revistas, conjunto este de iniciativas que foram e são instrumentos necessários e fundamentais para a prossecução da investigação e para um conhecimento mais cabal da produção científica realizada.

O papel de dinamização da área dos Estudos sobre as Mulheres em Portugal levada a cabo pela CCF/CIDM nem sempre foi linear na sua relação com a Academia — até que ponto uma instituição da Administração Pública não académica tem legitimidade para poder dialogar com o saber e o poder inerentes ao mundo académico e científico? Do meu ponto de vista pessoal, desde sempre julguei central nessa instituição esse trabalho de apoio e de incitamento à sua implementação entre nós. Nomeadamente num texto de reflexão interna à CCF (cf. T. Joaquim, CCF, Janeiro 87),<sup>5</sup> em que utilizava o conceito de "pessoa deslocada" de T. Herbert,<sup>6</sup> afirmou:

[P]arece que o conceito de "pessoa deslocada" seja aqui fundamental para compreender o facto de que um sujeito possa de repente ver e compreender outra coisa do que aquilo que lhe é "dado" compreender e ver. Neste caso fica por saber como é que a lei estrutural de uma dada formação social produz sujeitos "deslocados" que ela não pode recuperar enquanto tais.

Conceito de "pessoa deslocada" que serviu para me interrogar "se a CCF não era pessoa deslocada" e articulava essa interrogação com o estatuto das mulheres, a saber,

se nesta sociedade este não é ainda de pessoa dominada, assim como a CCF enquanto instituição. É por isso que penso que estão ligadas a fragilidade dos Estudos Femininos e da CCF, porque ambas querem interrogar e deslocar as questões que até aqui foram sempre postas do mesmo modo. É por isso que defendo que, dentro das possibilidades limitadas da CCF, (...) ela continue a promover, dinamizar e realizar estudos sobre a condição feminina.

Penso que hoje, apesar dos anos que passaram, se pode manter ainda esta questão: se o lugar dos Estudos sobre as Mulheres no âmbito da produção científica não será ainda o da "pessoa deslocada", ou se se integrou sem provocar deslocamentos.

Na actualidade, em particular nos finais dos anos 90, parece haver um relacionamento diferente, entre investigadoras e mecanismos para a Igualdade/Ministérios, etc., já que estes organismos podem oferecer outro tipo de condições, nomeadamente financeiras, para a realização de estudos no âmbito de projectos financiados pela Comunidade Europeia, estudos necessários à implementação de políticas na área da igualdade de oportunidades. É um movimento a seguir nas suas novas configurações assim como o tipo de estudos que têm sido elaborados neste contexto.<sup>7</sup>

Deve ainda ser mencionado o aparecimento não só da APEM, em 1991, e mais recentemente da APIHM, em 1997, mas também a existência de revistas científicas como a *ex-æquo* e *As Faces de Eva, Revista de Estudos sobre a Mulher*, do Instituto Pluridisciplinar de História das Ideias da Universidade Nova de Lisboa.

Há que referir também a criação pela Universidade Aberta, em 1995, do primeiro Mestrado de Estudos sobre as Mulheres em Portugal, em que lecciono desde o início e que actualmente coordeno. Pioneiro nos estudos nesta área, pois mesmo a nível internacional ainda são raros os mestrados nesta área, havendo sobretudo disciplinas ou seminários dispersos por currículos de licenciatura ou mestrado. Tem sido uma experiência extremamente interessante, tanto do ponto de vista humano como científico, cujas dissertações começam a vir a lume e outras estão em curso de publicação, versando sobre as seguintes áreas nomeadamente:

- o feminismo no pós-25 de Abril;
- Maria Lamas enquanto jornalista;
- a primeira revista feminista no século XIX;
- violência contra as mulheres: de vítimas a sobreviventes;
- feminino e novas tecnologias;
- relacionadas com a arte;
- com a psicanálise e o feminino,
- mulheres e política;
- a escrita feminina;
- justiça: futuro domínio feminino?;
- empreender no feminino;
- o ensino técnico industrial feminino em finais do século XIX.

Este conjunto de trabalhos é já um contributo importante e empenhado para esta área de estudos.

Refira-se ainda que a produção científica tem estreita ligação com o corpo social, os apoios financeiros e políticos; quer dizer, as questões epistemológicas estão intimamente ligadas a um contexto cultural e político e é importante a inserção dos conhecimentos em redes nacionais e internacionais,<sup>8</sup> tanto a nível individual como colectivo, tendo havido nos últimos anos uma maior internacionalização das políticas da ciência e da tecnologia.

Está ainda por fazer o balanço actualizado da produção científica nas diversas áreas disciplinares, excepto na de História (Vaquinhas, 2000). Tem surgido, no entanto, nos Colóquios Luso-Afro-Brasileiros de Ciências Sociais uma

sessão dedicada às questões do género, assim como nos Encontros das Associações Disciplinares, nomeadamente de Antropologia (1999) e Sociologia (2000), onde surgiram novas temáticas dedicadas à questão do género e família, género e trabalho, etc. Acrescente-se o 3.º Congresso Europeu dedicado à pesquisa feminista, realizado em Coimbra, em Julho de 1997, que foi subordinado ao tema “Shifting Bonds, Shifting Bounds: Women, Mobility and Citizenship in Europe” (publicação de uma selecção de comunicações no n.º 50 da *Revista Crítica de Ciências Sociais*).

Tem havido um aumento enorme de comunicações em torno das questões “sobre o género” ou que incluem a categoria “género” como perspectiva analítica, mas, apesar da efervescência e da apetência que se tem manifestado por esta área, deve ser aqui colocada a interrogação de Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro sobre a reflexão epistemológica nas Ciências Sociais e Humanidades em Portugal:

Não tem sido muito viva entre nós a reflexão sobre a situação epistemológica das Ciências Sociais e das Humanidades. (...) São, de facto, por norma bastante escassas no nosso contexto as tentativas relevantes de trazer à discussão — à discussão académica, mas do mesmo passo, à ponderação pública — o sentido, potencialidades e limites dos contextos paradigmáticos em cada momento vigentes. Daqui resulta um dos aspectos sem dúvida mais perturbadores da vida intelectual portuguesa: a forma como as transições de paradigma ou simplesmente a adopção deste ou daquele modelo teórico ou metodológico se vão fazendo de acordo com uma lógica indiscutida, frequentemente próxima da lógica da moda. (1998: 80)

Esta interrogação é extremamente pertinente e diz respeito a toda a comunidade científica, ao modo rigoroso como produz saber ou como reflecte (ou não) sobre a adopção de novos conceitos ou de novos modelos teóricos. Esta questão ainda se revela mais pertinente para áreas de saber que se estão a constituir como perspectivas que, paradoxalmente, se tornaram incontornáveis (e quase sem debate teórico entre nós) e em que começa a haver a passagem de um estatuto de enunciado (falado por outrem) ao estatuto de objecto dialogal, no qual tem que existir um vai-e-vem entre perspectivas teóricas.

No âmbito destas perspectivas que se tornam incontornáveis, observe-se quer a ‘hesitação’ da rede de conferências “Futuro do futuro: da matéria ao pensamento”, realizadas no âmbito do Porto 2001 — Capital Europeia da Cultura,<sup>9</sup> quer o modo como, ao organizar o Ciclo de Conferências “A Ciência tal qual se discute”, por iniciativa do Ministro da Ciência e Tecnologia,<sup>10</sup> o filósofo Fernando Gil, interrogado em entrevista recente ao *Público* (16/06/01) sobre a inclusão de uma sessão dedicada ao “género”, respondeu que os estudos sobre o género “atingiram um grau de ‘maturação’ tal que os tornou uma verdadeira questão, *pense-se o que se pensar*” (sublinhado meu).

No mesmo sentido, é interessante um artigo intitulado “Mulheres” (sic) de José Mattoso (que deu o seu contributo em mais de um colóquio organizado pela CIDM) na revista *História* (Abril 2000), sobre o livro de Irene Vaquinhas, *Senhoras e Mulheres na sociedade portuguesa do século XIX*. Referindo-se em particular ao texto

“Estudos sobre as Mulheres na área da História”, diz J. Mattoso que “pouco têm contribuído para uma renovação profunda do discurso acerca do passado (...) mas não creio ter-se adiantado muito em termos de problemática e em função de uma nova compreensão da história” (11). Com todo o respeito que me merece a personalidade e a obra realizada por J. Mattoso, *Identificação de um país*, permito-me interrogar até que ponto é que a História de Portugal, recentemente publicada e que ele dirigiu, se empenhou para que esta perspectiva constituísse precisamente uma linha transversal dos textos que a integram. Pede-se às historiadoras que estudem o que não era estudado ou era minimizado e que simultaneamente contribuam “para uma efectiva renovação da história” (11). Penso que este trabalho, do ponto de vista científico, não deve nem pode ser da exclusiva responsabilidade das historiadoras, mas, enquanto perspectiva, não pode deixar de ser assumido pela comunidade científica (neste caso, dos/as historiadores/as) na sua totalidade, já que dela depende também o rigor científico dos trabalhos produzidos. É uma questão teórica, não uma questão de homens e mulheres. Na prática, de facto, têm sido “as mulheres” a assumirem essa tarefa, o que pode conter ou significar alguma marginalidade no interior da comunidade científica e, nessa marginalidade, só lhes ser pedido (talvez) esse trabalho de “respigadoras”, conforme o belo filme de Agnès Varda. Ou seja,

as mulheres pensam, falam, mulheres escrevem, publicam — e algumas dedicam-se hoje a reencontrar e a juntar textos e fragmentos que, com demasiada facilidade, os historiadores da filosofia deixaram cair no esquecimento. Mas os seus discursos não constituem referência para a constituição da esfera pública, ou da mudança efectiva do pensamento. (...) ainda se resiste a reconhecê-las como representantes da humanidade, reveladoras duma verdade que poderia dizer respeito a cada uma e a cada um. (Collin, 1997: 26-27)

No entanto, penso que estas iniciativas, realizadas ao mais alto nível e com ampla divulgação e apoio financeiro, colocam questões que vão além dos casos pontuais referidos, pois que nos fazem reflectir sobre a sociedade portuguesa e o modo como nela se vai incorporando a paisagem intelectual e científica contemporânea, sem que isso signifique que haja de facto por parte de filósofos e cientistas sociais reconhecimento explícito da importância dos *Women's Studies* a nível teórico para a renovação de problemáticas, reformulação de metodologias, etc.

Estas referências a acontecimentos culturais que considero importantes, sobretudo a nível público, pela qualidade científica de quem os profere, são sintomas que permitem talvez pensar as condições de produção de conhecimentos e em simultâneo o apagamento e a ausência de referências internas, como se do nada eles passassem a ter existência devido ao “seu grau de maturação”. Não é, assim, uma questão marginal às condições de produção de conhecimento no contexto da sociedade portuguesa. E talvez que esta situação se prenda com a não existência da questão “Serei homem?”, posta por José Gil, ausência particularmente sentida na sociedade portuguesa.

Um facto impressiona na história do movimento feminista: é a falta de um movimento correspondente do lado dos homens. Enquanto as mulheres punham e põem em causa a sua condição de dominadas, exploradas, excluídas, desapossadas do seu ser feminino, ao ponto de se interrogarem 'o que é ser mulher?', os homens quase nunca responderam ao desafio, aplicando-se a si mesmo: 'o que é ser homem?' (...) Porque o masculino é neutro, e é fundamento, nós, homens (género), julgamo-nos insusceptíveis de mudança. Pode-se pois conceber sem contradição nem dialéctica, uma luta pela emancipação da mulher, quer dizer, pela conquista da sua feminilidade roubada, sem que o ser do homem (a sua masculinidade) tenha que sofrer alterações (seja posta em causa). A mulher muda, o homem não, porque o homem é o padrão-fundador, sobretudo numa esfera (neutra) sem relação com a mulher. (1998: 6-7)

Ora, a inexistência desta questão, sob forma de um debate mais geral na sociedade portuguesa, é ainda mais significativa se enquadrada nas mudanças que esta sofreu desde 1974, a 'passagem' de uma sociedade de regime autoritário para um regime democrático, 'passagem' essa que José Gil explica de forma acutilante no texto "Euforia de terror":

O duplo esmagamento de que hoje sofre o português decorre naturalmente deste processo: Portugal saiu do salazarismo com medo, saiu com medo de sair. (...) O reflexo ou normalização que se seguiu aos excessos 'revolucionários' instalou-se em nome do bom senso democrático. E o medo, sedimentado, invisível, permaneceu. Logo depois veio a entrada na Comunidade Europeia e a mundialização (cujo rosto primeiro foram os flagelos planetários — sida, violência criminal, droga, desemprego — antes dos benefícios que nos tornarão iguais aos outros), que trouxeram consigo um outro género de medo. (...) O duplo esmagamento está em curso: apaga-se o medo com o medo, todos os medos antigos que o 25 de Abril não exorcizou desaparecem quando neles se enxerta o medo de exclusão. (...) É pois sempre mais conveniente continuarmos a não assumir responsabilidades, a não afrontar opiniões contrárias, a fugir aos problemas e a não pensar mais além das soluções que entram no quadro de todas as integrações. Sobretudo, recusar os conflitos. (1999: 39)

Talvez que esta recusa de conflitos como constitutivos de uma sociedade democrática possa produzir, do ponto de vista social e certamente do ponto de vista teórico que aqui nos ocupa, este 'deslizar', esta passagem sem discussão entre teorias. Ou entre, por exemplo, a ausência de um movimento feminista que tivesse marcado fortemente a vida em sociedade e criado outras configurações — "essa aparição de sujeitos numa cena de comunidade" (J. Rancière) — e o pós-feminismo, aquilo que Irene Ramalho chama "a forma como as transições de paradigma ou simplesmente a adopção deste ou daquele modelo teórico ou metodológico se vão fazendo de acordo com uma lógica indiscutida" (1999: 80). Como se houvesse uma ausência de confrontos teóricos e do que estes podem representar e criar como experiências diversas — por exemplo, nunca foram claramente discutidas entre nós posições sobre igualdade e diferença...<sup>11</sup>

### Uma genealogia feminista e crítica

Os estudos feministas representam uma tentativa das mulheres em reunirem teoria, trabalho intelectual e prática política tendo em vista a melhoria do seu estatuto social e simbólico. (Braidotti, 1990: 30)

Esta questão deve ser situada no contexto português e do debate sobre a existência ou não de um movimento feminista em Portugal na transição para uma sociedade democrática. No entanto, parece-me (e já o afirmei — Joaquim, 2000) que o feminismo age na sociedade portuguesa ao nível do fantasma e não porque ele se tenha manifestado (ou manifeste); na maior parte dos casos assistimos a posições dóceis, calmas, e desde o 25 de Abril de 1974, as mulheres presentes e cuja presença seja pertinente na cena pública quase não têm aumentado ou mudado, havendo no entanto posições que já se aproximam de uma crítica aos excessos do feminismo em outras sociedades, posições críticas na sociedade portuguesa onde tais 'excessos' nunca ocorreram.

Na maior parte dos países, os Estudos sobre as Mulheres surgiram como a vertente *teórica* do movimento feminista (enquanto movimento social), incluindo nessa vertente teórica — e tentando quebrar a dicotomia ou oposição entre teoria e prática — a valorização, tanto a nível individual como colectivo, das experiências, saberes e práticas femininas, o que implicou críticas ao modo como se produzia ciência, ao modo de conhecimento dominante, cujo modelo de racionalidade é predominantemente masculino. Modelo masculino esse que tornava insignificantes, menores, desvalorizadas, e não sei se invisíveis, outras formas de conhecimento, outras práticas. Diz Farge:

Não se trata de preencher um *branco* falando das mulheres e da sua história, porque não há branco a preencher. É preciso, ao contrário, passar a negro, sublinhar, os contornos de um desenho apagado, mas bem traçado, do qual ninguém até agora se ocupou. (*apud* Eliane Teixeira Lopes, 1990: 23; sublinhado meu)

Esta releitura — o dar sentido e significado a essas práticas — foi em grande parte realizado por mulheres, "mulheres que estudaram mulheres", o que pode ocasionar, segundo certas autoras, "maior fragilidade deste campo, menor legitimidade do tema, menor prestígio do pesquisador em razão do seu sexo, mútua contaminação" (Costa, Barroso e Sarti, 1985: 9). Ou, repetindo a citação de Collin atrás mencionada, "ainda se resiste a reconhecê-las como representantes da humanidade". Estas referências descrevem exemplarmente o contexto português, com algumas excepções de filósofos ou cientistas sociais que reconheceram a importância dos *Women's Studies* para a renovação das problemáticas, reformulações de metodologias, a saber F. Belo (1983, 1987, 1995), B. Sousa Santos (1991), Miguel Vale de Almeida (1995).

Deste modo, foi-se constituindo uma outra paisagem textual, sabendo que "nada surge do nada, segundo Deleuze, está-se sempre no meio"; nesse sentido,

parte-se de um mundo já constituído com as suas áreas disciplinares e os seus limites, as suas fronteiras. Vai-se operar simultaneamente *dentro* desse território científico (constituído por um corpus de conhecimentos e pelas suas exclusões, sejam elas de autores ou/e de conceitos operatórios) e trabalhar nas suas margens, *fora*, criando outras articulações teóricas, porque esses conhecimentos, esses utensílios teóricos não permitem, e por vezes ocultam, o que se julga e se torna urgente pensar. E este trabalho vai-se cruzar com e vai ser permeável ao trabalho filosófico que pensa o que é ocultado na racionalidade dominante, no qual não há lugar nomeadamente para o corpo, para a sensibilidade, para uma lógica de inclusão.

Neste contexto, o aparecimento dos Estudos sobre as Mulheres inscreve-se, do ponto de vista teórico, num movimento mais amplo que queria (re)pensar os modos de produção teórica e deste modo tentar constituir novos objectos de estudo. O trabalho de releitura dos diversos campos disciplinares proposto pelas teóricas feministas não pôde, pois, deixar de ser permeável ao trabalho realizado no âmbito filosófico por pensadores como Derrida, Foucault, Lacan, Irigaray e Kristeva, entre outros, que irão ter grande influência nos *Women's Studies* nos EUA. Mesmo se se deve ter em conta que estes autores foram lidos e trabalhados num contexto teórico e científico diferente do da sua produção. Em grande parte da literatura teórica feminista produzida nos EUA, as leituras destes autores, a articulação entre as suas propostas conceptuais e a filiação que lhes é atribuída não coincide sempre com o seu enquadramento teórico e de pertença a escolas de pensamento no contexto europeu, em que existe provavelmente uma leitura mais autónoma e individualizada da obra de cada um destes autores. Acrescida a esta dissociação e enquadramento de perspectivas teóricas diferentes — nos EUA e na Europa — deve ainda ser referido que pode acontecer que autores que foram e são fundamentais, como por exemplo, Derrida e Irigaray, ainda não sejam pertinentes no contexto filosófico ou das ciências sociais em Portugal. No entanto, estes autores fecundaram e possibilitaram o questionamento epistemológico no âmbito da produção das ciências sociais e humanas, porque o seu trabalho se inscreve no âmbito de um movimento social mais lato — o da desconstrução — que é inerente ao próprio exercício do pensamento na sua tarefa de crítica e de criação de novos conceitos. Numa entrevista a Derrida, Christie V. McDonald descreve o conceito de desconstrução do seguinte modo:

O novo sentido de escrit(ur)a, que associamos ao termo desconstrução, formou-se no decurso de leituras minuciosas que apresentou em textos tão diferentes como os de Platão, Rousseau, Mallarmé e outros. É o sentido pelo qual os pares binários tradicionais (como na oposição do espírito e da matéria, do homem à mulher) não funcionam mais consoante o privilégio dado ao primeiro termo em relação ao segundo. Numa série de entrevistas publicadas com o título *Positions*, em 1972, falou de um programa em duas fases ('fase' entendida aqui como um termo estrutural mais do que cronológico) necessárias ao acto de desconstrução. Na primeira fase, uma inversão deve ocorrer na qual os termos opostos seriam invertidos. Por conseguinte, a mulher, enquanto termo anteriormente subordinado, poderia tornar-se o termo

dominante em relação ao homem. No entanto, sendo que um tal esquema de inversão poderia unicamente repetir o esquema tradicional (na qual a hierarquia da dualidade é sempre reconstituída), seria incapaz de efectuar uma mudança significativa. Tal mudança não poderá ter lugar senão através da segunda e mais radical fase da desconstrução, na qual, ao mesmo tempo, seria forjado um novo conceito. (Derrida, 1992: 104)

Desse trabalho de crítica e criação de novos conceitos é parte integrante a questão "O que é ser mulher?", que se liga também com a própria denominação da área de Estudos sobre as Mulheres e que Braidotti nomeia deste modo: "Como definimos nós o referente 'mulher' e que valor epistemológico lhe atribuímos quando desenvolvemos um campo de estudos chamado 'Estudos sobre as Mulheres', que estuda um ser humano sexuado feminino quando faz estudos feministas?" (1990: 42-43). Como se esta dupla interrogação, teórica e prática, dissesse os modos como as 'mulheres' se tornam problemáticas, postura que Jane Flax critica assim: "o modo como o discurso feminista define a sua problemática como 'mulher', também privilegia, ironicamente, o homem como aproblemático ou isento das determinações de relação de género" (Flax, 1987: 629). E se o homem se constitui (ou pode constituir) no discurso feminista como aproblemático é talvez "porque o masculino é neutro, e é fundamento, nós, homens (género), julgamo-nos insusceptíveis de mudança" (José Gil), como se esse fundamento, essa tentativa de desnaturalizar essa neutralidade não fosse ainda possível. O que explica talvez que os Estudos sobre as Mulheres, por exemplo, num balanço realizado por A. Farge no âmbito da História, incidissem inicialmente sobre "o corpo, a sexualidade, a maternidade, a fisiologia feminina. Como se, nos primeiros tempos, fosse impossível desligar-se desta 'natureza feminina', simultaneamente contestada por aquelas mesmas que a traduzem historicamente" (1984: 22). Mesmo se a autora, neste balanço, salienta que "não há nenhuma dúvida de que existe agora uma espécie de *acumulação primitiva do saber* das mulheres: é preciso pois questioná-lo, interrogar a sua eficácia, a sua problemática, perguntar-se se se trata de adquiridos definitivos ou não" (idem: 19; sublinhado meu).

Como se também, no âmbito filosófico, a tarefa que lhes foi deixada fosse o acabamento, o completar de um modelo metafísico dominante: o feminino, a 'natureza feminina', etc. Neste caso, a redescoberta do feminino na filosofia é ainda parte integrante do percurso do pensamento filosófico ocidental e de um *logos* que recalçou o feminino, o sensível, não sendo ainda possível às mulheres acederem à teoria e à abstracção, que ultrapassem a esfera dos seus interesses particulares, tendo que procurar ainda um espaço seu, um 'chez soi' no espaço mais largo, que lembra a procura de 'um quarto que seja seu' de V. Woolf, como condição de possibilidade de criação; é porque esse espaço não existe que surge no contexto filosófico a questão sobre as mulheres e a filosofia, fechando-a ainda, a nível de pensamento, num espaço restrito: o suplemento de uma obra, a nota marginal de um texto, mas não a assunção central do escamoteamento da diferença a nível filosófico num modelo único que não a reconhece ou que a desvaloriza. E o silêncio, a mudez, a ausência, são formas possíveis de recusa desta desvalorização. Porque o

“masculino (...) é fundamento” (José Gil) e é ainda nesse fundamento que uma parte do trabalho realizado no âmbito dos *Women's Studies* se inscreve, talvez porque não seja fácil, por razões históricas e simbólicas, o acesso das mulheres à teoria. Diz Braidotti: “A relação das mulheres à teoria constituiu-se historicamente sob um modo conflituoso e contraditório, como se algo na construção social da subjectividade feminina opusesse o ‘ser mulher’ à prática teórica” (Braidotti, 1990: 32).<sup>12</sup>

É como se o acesso das mulheres à teoria tivesse que passar necessariamente pela desconstrução do ‘ser mulher’ — que Judith Butler refere no primeiro capítulo do seu livro *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity* (1990), o título do livro dizendo já esse trabalho de reformulação da identidade, da fixidez, da identidade ‘ser mulher’: “Traçar as operações políticas que produzem e conciliam o que qualifica o sujeito jurídico do feminismo é precisamente a tarefa de uma *genealogia feminista* da categoria mulheres”. E ainda: “Na verdade, a suposição da categoria mulheres requer ela própria uma *genealogia crítica* dos complexos significados institucionais e discursivos pelos quais é constituída” (1990: 5; sublinhado meu). Trabalho de genealogia,<sup>13</sup> feminista e crítica em simultâneo, que se inscreve numa perspectiva nietzschiana retomada e praticada por Michel Foucault, cujo percurso/projecto crítico pode ser dito de modo sintético na expressão de Nietzsche, “humano, demasiado humano”, que Foucault continuou nomeadamente em *Les Mots et les Choses* (1966).

Le Dœuff refere-se deste modo a este trabalho de pensar a constituição do “epistema moderno”:

Uma das grandes nervuras dos ‘saberes’ da nossa modernidade sendo uma certa linha de partilha, sempre colocada, muitas vezes refinada ou rebordada, mas nunca interrogada — a que assegura que a diferença homem/mulher é fundamental e fundadora —, então dar a ver este epistema profundo que rege a nossa maneira de pensar poderia perfeitamente inscrever-se no projecto arqueológico. (...) deve-se, no entanto, notar uma curiosa omissão: a investigação não assinala que as ditas ciências humanas não tratavam tanto de um objecto (“o homem”) como trabalharam para marcar todas as diferenças possíveis, e de facto todas as hierarquias, no conceito geral de humanidade. Elas interessaram-se nomeadamente em produzir uma oposição subordinada entre a “mulher” e “os homens. (1989: 62-63)

Omissão da “linha de partilha (...) que assegura a diferença homem/mulher, dessa diferença fundamental e fundadora” (Le Dœuff, 1989: 62); para se perceber a constituição desta linha de partilha é muito importante o trabalho de Thomas Laqueur *La fabrique du sexe. Essai sur le corps et le genre en Occident* (1990, ed. fr. 1992).<sup>14</sup> Podemos dizer que o trabalho, acima referido, de uma genealogia feminista e crítica (Butler) se prende com a tarefa de desconstrução da categoria ‘mulheres’: “Para além das ficções fundacionalistas que sustentam a noção de sujeito, há contudo o problema político que o feminismo encontra ao assumir que o termo ‘mulheres’ denota uma identidade comum. (...) Tornou-se um termo perturbador, um lugar de contestação, uma causa de ansiedade” (Butler, 1990: 3).

A crítica do termo ‘mulheres’ vem contribuir não só para a utilização do conceito de ‘género’, mas também para a sua problematização. Diz ainda Butler:

porque género não é sempre constituído de modo coerente ou consistente em contextos históricos diferentes e porque género intersecta com modalidades de identidades constituídas de maneira discursiva — racial, de classe, de etnicização, sexual e regional. Em consequência, torna-se impossível separar ‘género’ das intersecções políticas e culturais nas quais é invariavelmente produzido e mantido. (Butler, 1990: 3)

Mas, para além da noção de variabilidade de género, historicamente constituída, o sexo, que era visto como o pólo fixo, em oposição à variabilidade do género,<sup>15</sup> pode inscrever-se nesse trabalho realizado pelas ciências humanas “de produzir uma oposição subordinada entre a ‘mulher’ e ‘os homens’” (Le Dœuff, 1989: 63).

Ora, essa oposição subordinada é fortemente fundada e estruturada pelos discursos médicos, jurídicos, filosóficos e morais que vão criar um corpo feminino marcado, fechado pelo *sexo*, e será esta definição normativa do corpo da mulher que irá ter incidências na discussão sobre a educação própria às raparigas/mulheres, de modo a “não perderem a feminilidade”. Educação feminina que terá como objectivos canalizar a própria esfera do pensamento através das limitações do acesso à abstracção (Fraisse, 1989; Joaquim, 1997).

É ainda provavelmente ser o corpo marcado, ‘construído’<sup>16</sup> por esta definição que pode explicar e dar sentido à citação de Braidotti sobre a relação conflituosa das mulheres com a teoria, obrigando assim à reavaliação da categoria ‘sexo’, que Butler interroga deste modo:

E afinal o que é o ‘sexo’? É natural, anatómico, cromossómico, hormonal? E como é que um/a crítica/o feminista deve aceitar os discursos científicos que pretensamente estabelecem tais ‘factos’? Será que o sexo tem uma história?<sup>17</sup> Terá cada um dos sexos uma história ou histórias diferentes? Existe uma história da forma como foi instituída a dualidade sexual, uma genealogia que exponha as oposições binárias como uma construção variável? Será que os factos pretensamente naturais do sexo são produzidos discursivamente por vários discursos científicos ao serviço de outros interesses políticos e sociais? Se se contesta o carácter imutável do sexo, então talvez a construção chamada ‘sexo’ seja, tal como o género, culturalmente constituída; *de facto*, talvez já fosse mesmo género, e consequentemente acaba por não existir distinção nenhuma entre sexo e género. (Butler, 1990: 7)

Esta interrogação questiona essa leitura do corpo das mulheres como marcado pelo sexo na sua fixidez. Temos deste modo o estilhaçar das noções de ‘mulher’, de ‘sexo’, já que, segundo Laqueur, o que foi predominante desde a Antiguidade foi o género e não o sexo, este inscrevendo-se pois no âmbito da partilha disciplinar nas Ciências Sociais e Humanas. No entanto, o trabalho da antropóloga Margaret Mead deu a ver, não historicamente, em termos diacrónicos, mas de modo sincrónico, essa multiplicidade de género(s) que Robert Stoller teoriza<sup>18</sup> no âmbito

da Psicologia em 1968. Diz Elena Casado sobre o contexto em que Stoller utilizou o conceito de género:

Robert Stoller foi um dos seus artífices, ao utilizá-lo para abordar o conceito de identidade no contexto da prática clínica de transsexuais. Na sua formulação, o sexo aparece directamente relacionado com a biologia, enquanto o género o é com a cultura. Deste modo, e de forma paradoxal, uma das inscrições que fundam a diferença de género surge da própria fronteira entre os géneros: as manifestações da transsexualidade. (Casado, 1999: 76; sublinhado meu)

É interessante esta referência de Elena Casado, no seu belíssimo texto *A vueltas com el sujeto del feminismo* (1999), ao modo paradoxal como no trabalho de Stoller surge o conceito de género no contexto da fluidez das fronteiras, fronteiras essas que o pensamento de Haraway, que E. Casado chama *feminismo híbrido*, vai constantemente pensar, modificar. Diz Haraway, que define também o conceito de género (e de modo diferente de Butler) nessa problematização do que é ‘ser mulher’, mas cuja obra ‘explode’ certamente “o que conta como humano”:

O ‘género’ foi desenvolvido como categoria para explorar o que conta como ‘mulher’, para problematizar o que antes se tomava por certo, para reconstituir o que conta como ‘humano’. (...) resultaram da tese de Simone de Beauvoir, de que se não nasce mulher, teorias feministas de género, com todas as consequências desta constatação, à luz do marxismo e da psicanálise (e críticas do discurso racista e colonial), para compreender que qualquer indivíduo definitivamente coerente é uma fantasia, e que a personalidade pessoal e colectiva é precária e constantemente reconstituída em termos sociais. (Haraway, 1993: 289)

O género surge como categoria que permite “problematizar o que conta como ‘humano’” e é esta noção de problematização do humano que o aparecimento de figuras como os cyborgs<sup>19</sup> vão provocar, figuras que surgem da indistinção, da ausência de fronteiras entre o humano e não-humano, e a possibilidade de pensar estas ‘figuras’ surge talvez na continuidade de outras que anteriormente existiram (e ainda existem em certas culturas e em práticas ditas marginais na nossa cultura), continuidade entre o humano, o animal e a planta, na bela imagem do feto no século XVII como uma “planta-animal”.<sup>20</sup> Estas novas figuras — os cyborgs — essa indistinção ou essa aliança faz-se para além do humano, planta, animal, com as novas tecnologias, próteses, máquinas, na porosidade entre o humano e o não-humano. Como se aqui se ‘cortasse’ com esse projecto “humano, demasiado humano” de Nietzsche, em que outras figuras podem surgir.

É ainda como se o belíssimo texto de Haraway, “O humano numa passagem pós-humanista” (título da versão brasileira, 1993),<sup>21</sup> respondesse à questão de J. Butler sobre a genealogia crítica da mulher. Pegando na figura e na pergunta duma escrava negra, Sojourner Truth, *Ain’t I a woman?* (“e eu num sô mulê?”), Haraway afirma:

Essas frases parecem representar alguma coisa que unifica as mulheres, mas o quê, exactamente, sobretudo em vista da escavação feminista do terrível edifício da ‘mulher’ na linguagem patriarcal e nos sistemas de representação ocidentais — o único que nunca pode ser um indivíduo, que é espaço de trama, matriz, terreno, tela para o acto do homem? Por que, 150 anos depois, sua *pergunta* [em negrito no texto] tem mais força para a teoria feminista do que quaisquer outras frases afirmativas e declarativas? (...) o seu corpo, nomes e discurso (...) podem ser entendidos como contendo a promessa de um universo nunca marcado, uma linguagem comum que faz exigências irresistíveis em cada um de nós, colectiva e individualmente. (1993: 284-285)

### A questão do corpo feminino

Há, deste modo, ao longo da escrita deste texto vários contextos que se vão encaixando uns nos outros, há um itinerário feito de percursos diversos. Este texto não tem a pretensão de delinear um mapa fechado de questões, ele próprio na sua escrita se coloca à partida a questão de saber como fazer o percurso disciplinar em determinado contexto histórico, em determinado período cronológico (dez anos de produção científica) numa área — a dos *Women’s Studies* — que, por definição, é interdisciplinar nas suas perspectivas, já que o seu projecto se inscreve numa refundação do conhecimento. O surgimento desta área de estudos insere-se plenamente nesse projecto de partilha/diferenciação entre o ‘homem’ e ‘as mulheres’ (Le Dœuff), para atravessar também a própria constituição das Ciências Sociais na sua partilha disciplinar. Como se o acesso das mulheres ao conhecimento teórico ministrado nas escolas — em que predomina um outro modelo de racionalidade do que o da “prática e do uso” — permitisse que se realizasse este temor formulado por Plutarco e citado por Laqueur: “com efeito, se elas não recebem as sementes das doutrinas nobres e não participam na cultura do homem, reduzidas a elas mesmas, elas dão à luz toda a espécie de produtos estranhos, projectos e paixões perversas” (1992: 83).

É como se se cumprisse o receio de Plutarco: ao participarem na cultura dos ‘homens’, ‘elas’ puderam subverter e pensar outras racionalidades, nomeadamente esses corpos monstruosos sempre temidos, esses “híbridos de máquina e de organismo”, tanto de realidade social como de ficção, como se o cyborg fosse a versão final (!!) nesse caminho de desnaturalizar, de desessencializar a ‘mulher/mulheres’ que marcou — e do qual somos herdeiras — o projecto de racionalidade iluminista no qual era central a diferença corporal entre homens e mulheres nas suas incidências nos diversos campos de actividade, questão que G. Fraisse formulou deste modo: “a diferença corporal entre o homem e a mulher é uma evidência? E depois? Induz ela outras distinções?” (1995: 12). Induz nomeadamente a distinção entre a razão prática, dos costumes, atribuída às mulheres, e que de certo modo é uma razão incompleta,<sup>22</sup> e a razão teórica, dos

princípios, atribuída aos homens. Esta distinção percorre o pensamento ocidental, deste modo, segundo Sissa:

O corpo define-se por tudo o que a alma não é: torna-se a ilustração preferida do que é a alma. Além disso, o corpo feminino adquire uma pertinência muito especial em significar a actividade menos acessível, socialmente, às mulheres. A mulher, que se caracteriza com efeito pelo que o homem não é, e sobretudo na geração, permite a refiguração do que há de mais precioso no homem, no masculino: a actividade intelectual. (Sissa, 2000: 11)

Não deixa de ser curioso que o corpo feminino, que serviu para minorizar a presença das mulheres na cena pública, sirva como modelo da actividade intelectual masculina, da qual as mulheres eram excluídas ou em que tinham um estatuto menor.

O percurso deste texto fez-se a partir da noção de ‘mulher’, da sua passagem a ‘mulheres’ na sua pluralidade (cf. Elena Casado, 1999a e b), tendo em conta que para esta passagem foi fundamental o contributo da Antropologia, em particular os trabalhos de Margaret Mead e a noção de “técnicas do corpo” de Marcel Mauss, o da Sociologia, em particular o *Processo Civilizacional* de Norbert Elias, outro modo de perceber, de compreender as “técnicas do corpo” ou “a perspectiva (...) do trabalho social sobre o corpo humano, da sua quotidianidade, do carácter discreto, quase invisível das suas intervenções” (Guillamin, 1992: 140) e ainda as perspectivas críticas da genealogia nietzschiana que influenciaram M. Foucault (cf. T. Joaquim, APHIM, no prelo). Percurso de desnaturalização da categoria ‘mulher/mulheres’, de sexo(s) e género(s), em que o ‘corpo’ tem um lugar central, como se o percurso dos *Women’s Studies*, inscrito no âmbito das Ciências Sociais, abrisse nele outras perspectivas através de uma genealogia crítica e feminista; deste modo, Butler considera “a própria noção do ‘corpo’ não como uma superfície disponível e à espera de significação, mas como um conjunto de fronteiras individuais e sociais que são politicamente mantidas e explicadas” (1990: 33). Segundo E. Casado, no texto acima citado, “o corpo começa a apresentar-se como metáfora do nosso carácter situado no tempo e no espaço, e portanto do carácter limitado da nossa percepção e conhecimento” (1999b: 83).

É esse carácter do corpo situado no tempo e no espaço que abre, ou que se insere, de novo no projecto foucaultiano, na sua perspectiva genealógica.

O corpo e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo, é o lugar do *Herkunft* [proveniência]: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados, do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros. O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos. (...) A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado pela história e a história arruinando o corpo. (Foucault, 1995: 22)

É tendo em conta esta perspectiva de ‘corpo’ e na continuação de um percurso do

qual faz parte o “reconstituir o que conta como humano” (Haraway) que devem ser pensadas as novas tecnologias de procriação que permitem, por um lado, a reformulação deste lugar inicial de solo, matéria que as pensadoras, em particular Irigaray, não se têm cansado de referir, ou também Haraway atrás citada: “o terrível edifício da ‘mulher’ na linguagem patriarcal e nos sistemas de representação ocidentais — o único que nunca pode ser um indivíduo, que é espaço de trama, matriz, terreno, tela para o acto do homem” (1993: 284-5).

Mas por outro lado, as Novas Tecnologias de Procriação (NTP) retomam e esquartejam num desejo de sempre de ‘naturalizar’ esse corpo feminino, não o deixar sair desse lugar ‘natural’ de procriação, à força de técnica (Tubert, 1996; sobre este livro, ver Joaquim, 1998). Ou podem também incluir-se na continuidade de um percurso histórico, desde os primórdios do cristianismo e as práticas de acesso à leitura e à escrita que se processou consoante as classes sociais, o masculino e o feminino. Permanece a questão de saber se hoje as mulheres já se podem pensar enquanto indivíduos ou, de outro modo, se é possível para elas a criação de uma “esfera autónoma e livre”, questão que é central na elaboração da *História da Vida Privada* (cf. G. Duby, por exemplo, vol. II, sobre a emergência do indivíduo). A questão e os debates surgidos em torno dos direitos reprodutivos inscrevem-se de pleno direito na questão do indivíduo como possibilidade de criação dessa esfera autónoma e livre e, nomeadamente, no que ela significa enquanto *condição de habitação* (Ardaillon, 1997: 170), em que um corpo é simultaneamente o mesmo e outro. Outra área de investigação que vai ser central no futuro, e que irá provavelmente pôr em causa a noção de humano, de família (cf. os trabalhos de Marilyn Strathern, 1992), de sociedade e de ciências humanas, será tudo o que tem a ver com a engenharia genética, questão que pode colidir com essa esfera livre e pessoal e pode coarctar o acesso ao simbólico, a outras zonas de criação. As questões dos direitos reprodutivos podem e devem ser pensadas numa perspectiva filosófica, em particular a questão da alteridade que atrás referimos, na sua ligação com a maternidade e a sua capacidade relacional — que é vista como inerente à maternidade — de estar atento/a ao outro, a ideia de “maternal thinking” (Ruddick, 1989), posição criticada, por exemplo, por Mouffe (1996).

Deve ser mencionado que uma parte do trabalho realizado no âmbito dos *Women’s Studies* tem a ver com o modo como, por exemplo, o discurso da biologia ‘cria’ um outro corpo feminino — por exemplo, a proliferação da noção de hormonas — para falar do que se passa nesse corpo. É exemplar desse ponto de vista o trabalho de Nelly Oudshoorn, *Beyond the Natural Body — An Archeology of Sex Hormones* (1994),<sup>23</sup> que se inscreve nessa perspectiva foucaultiana de arqueologia (das hormonas), tentando abordar a “materialidade da produção discursiva”. A citação de Oudshoorn feita em pé de página mostra-nos a imbricação entre significados científicos e políticos na reformulação de noção de corpo feminino. Ainda a título de exemplo, refira-se os trabalhos da antropóloga Margaret Lock (1993), comparando o modo como no mundo ocidental e no Japão é vivida a menopausa e os significados e os sintomas diferentes (ou a ausência deles, no caso do Japão) que lhe são atribuídos. Ou os trabalhos mais recentes de Ruth Hubbard que incidem, entre outros, sobre a medicalização do parto e as questões

éticas que se colocam na obrigatoriedade do teste pré-natal. Ou o trabalho da historiadora Barbara Duden (1993) sobre o modo como o *feto* se foi tornando uma figura com existência própria, ou ainda os trabalhos de Sarah Franklin sobre as NTP (1997). Em Portugal, nesta referência às questões do corpo, como dissemos inicialmente (Joaquim, 2001), há uma quase ausência de trabalhos na área das NTP (cf. Garcia, 1995; Joaquim, 1999b) e, em especial, sobre a articulação do feminismo com as novas tecnologias nessa perspectiva crítica (V. Ferreira, 1999), isto é, não essencialista, mas também não contra a ciência.

Há uma enorme lacuna nesta área de estudos entre nós, que se pode prender também com a quase inexistência de um movimento social como o feminismo. Também não existem estudos sobre mulheres cientistas, nem do passado, nem actuais, nem tradução de obras biográficas, como por exemplo, a de Evelyn Fox-Keller sobre Barbara McClintock, Prémio Nobel de Fisiologia e de Medicina em 1983, que foi marginalizada mais de 30 anos e que tinha uma outra concepção de ciência: “ela respeita a diversidade, interessa-se pelo grão de milho aberrante, o que recusa entrar no modelo mas que permite fazer avançar a investigação” (Montreynaud, 2000: 661).

Outra área que tem uma expansão enorme é a da bioética, onde haverá certamente articulação entre várias ciências, e a que os *Women's Studies* podem oferecer uma perspectiva, na sua articulação com a ética e com a filosofia (Grace, 1996). Uma outra concepção do humano, da justiça (Gilligan, 1982), toda a problemática do cuidado que percorre tantas obras de filosofia feminista, a que é central uma “ética do futuro” (H. Jonas): ser responsável não só pelos que existem mas também pelos vindouros. É também uma área que permite a articulação entre filosofia e ecologia, no que significa ser, habitar um mundo humano/pós-humano.

Nos últimos dez anos, as questões de bioética entraram no domínio da agenda pública em Portugal<sup>24</sup> e a publicidade em torno da descriptagem do genoma humano tem contribuído bastante para essa visibilidade. É também a partir dele que certamente se irão reforçar os laços ténues (ainda) entre a ecologia e a bioética, a saber:

O genoma humano mostra toda a medida em que estamos geneticamente irmanados com as outras espécies agora existentes e com as muitas mais que soçobraram. Trazemos no nosso genoma o mandato de todas as espécies que nos precederam e nela deixaram a sua marca ou recordação, urgindo a nossa solidariedade ontológica com os nossos irmãos animais, plantas e microorganismos. (...) Proteger e respeitar o bio-ambiente significa então proteger e respeitar os nossos próprios genes. Esta perspectiva corrobora a preocupação da Bioética de incluir uma ética do ambiente e da solidariedade global. (Parecer n.º 40/CNECV/01, sobre implicações éticas da genómica).

Nestes dez anos foi-se alargando e deve ser alargado o espaço de debate na sociedade portuguesa sobre as questões de bioética, de modo a encarar as dificuldades e as indecidibilidades das questões que se colocam, não as omitindo atrás duma retórica que permite (aparentemente) ‘resolver’ a multiplicidade de

aspectos que se nos colocam. Pensar de modo ético é (talvez) pensar de modo afirmativo e por vezes no desconforto dessa afirmação, no sentido nietzschiano de afirmação da vida. A necessidade de assumir e as dissensões a nível da bioética prendem-se ainda com a mesma referência à sociedade portuguesa na sua “recusa de conflitos” (José Gil).

### “As mulheres são excluídas, não da palavra política, mas filosófica”

O pensamento foi conceptualizado como erguendo-se sobre um solo (imagem amplamente criticada pelas filósofas) ou, de outro modo, “donde se pensa quando se pensa?” (Collin, 1992: 5). Ora, esta conceptualização não pode deixar de obrigar a colocar à partida o ‘fazer’/aprender filosofia: o que significa concepção? O que pode, eventualmente, obrigar as filósofas a pôr a questão levantada por Simone de Beauvoir: “O que significa ser mulher e ser filósofa?”

Questão que até muito recentemente não existiu, não atravessou a cena filosófica em português. Mas foi justamente sobre Simone de Beauvoir que foi elaborada na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1961, a tese de Renata Del-Negro Feist intitulada *Acerca do primado da acção em Simone de Beauvoir*. Talvez que o contexto político anterior ao 25 de Abril não fosse propício a trabalhar sobre ou a partir de filósofas contemporâneas, a saber, além de Beauvoir, Simone Weil<sup>25</sup> e Hannah Arendt (ver Courtine-Denamy, 1997) — esta última considerava-se politóloga e só nos últimos anos tem sido mais citada (mesmo no contexto europeu, o livro de André Enegren, *La pensée politique de H. Arendt*, data de 1984). Nesse contexto político, as obras destas três filósofas afrontaram o problema da *polis*, do político, que era entre nós uma questão interdita, ausente, desfocada. Acontecia aqui o que as feministas latino-americanas referem sobre a frase “o quotidiano é político”, que tinha de facto neste contexto um significado quase carceral, de um poder que invadia o quotidiano.

Há após o 25 de Abril a abordagem da questão do “feminismo” em obras literárias. Na área de filosofia, tem actualmente visibilidade a partir do projecto coordenado por Luísa Ribeiro Ferreira, que a seguir mencionaremos. Não significa isto, no entanto, que não haja no panorama filosófico português mulheres filósofas a produzirem obra em diversas áreas, nomeadamente nas áreas de Estética e de Ética.

Antes do início deste projecto, de modo não exaustivo, devem ser mencionados: o trabalho de Ana Luísa Janeira sobre Simone Weil (1967, 1971, 1980), um texto de Etelvina Lopes Nunes sobre “A condição feminina em Emmanuel Lévinas” (1984), um texto meu sobre a obra de Luce Irigaray (1986) e ainda alguns textos de Fernando Belo (1983, 1987). Se me é permitido, gostaria de referir a minha tentativa de articulação das questões filosóficas e da maternidade, esta como núcleo central da definição antropológica do corpo feminino na cultura ocidental, que se traduziu na abordagem da questão da criação de humanos

e/ou de conceitos, na sua disjunção ou conjunção (em particular, Joaquim, 1997 e 1999).

O projecto de *Filosofia no Feminino*, coordenado por Luísa Ribeiro Ferreira, que decorre desde 1997 no Centro de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa, partiu, segundo a sua coordenadora, das seguintes questões: “porque será que não há mulheres filósofas? porque é que as mulheres não fizeram (ou não fazem) filosofia?” (L. R. Ferreira, 1998: 8). Até à data, no âmbito do projecto, destaca-se a realização do colóquio “Filosofia no feminino”, na Faculdade de Letras de Lisboa (26-27 de Novembro de 1998),<sup>26</sup> e a publicação das seguintes obras, com organização de L. R. Ferreira:

- *O Que os Filósofos Pensam Sobre as Mulheres* (1998);
- *Representações sobre o Feminino, ex-æquo*, 1 (1999) (com F. Henriques);
- *Pensar no Feminino* (2001);
- *Correspondência Entre Descartes e Elisabeth* (2001) (com A. Cardoso);
- *Também há Mulheres Filósofas* (2001).

Sublinhe-se a importância deste projecto no âmbito dos *Women's Studies* e no panorama filosófico português. Sobre a questão da existência de filósofas ou “da (im)possibilidade de ser filósofa”, remeto para o texto com o mesmo nome (Joaquim, 2001), que retraça algumas das questões que nela estão envolvidas, a saber: qual a possibilidade de se ser filósofa? qual a possibilidade de uma filosofia no feminino e do feminino? Até que ponto é que, nessa releitura de algumas obras filosóficas, há um compromisso teórico com perspectivas analíticas e críticas no próprio modo de fazer filosofia? Porquê, ainda hoje, ter que *pensar* esta questão no feminino (será que a posição do sujeito não tem importância a nível do pensamento?), já que não existe a questão equivalente no masculino — como ser homem e ser filósofo? — talvez porque podem coincidir e coincidem, porque na filosofia o modelo, o referente, é masculino, e a ‘diferença’ é em relação a este modelo. É ainda o reconhecimento da resistência deste modelo que permite um duplo movimento na actualidade. Por um lado, o acontecimento que é o aparecimento de mulheres filósofas e a necessidade de um lugar em que a questão possa surgir, um espaço, uma perspectiva sobre o conjunto. Por outro lado, as filósofas como Kofman, Irigaray, Le Dœuff, vão encontrar-se cindidas, do ponto de vista do pensamento, entre um feminino não situado, não necessariamente ou essencialmente ligado às mulheres, e estas outras que estão ali, na sua concretude, como a de um povo que advém (no sentido de Deleuze e Guattari). De qualquer modo, penso que na área da filosofia se está na fase de “acumulação primitiva do saber”, como dizia Arlette Farge (1984: 19), semelhante à que já referimos para a área de história.

Gostaria ainda de notar o quão importante seria a existência de uma maior permeabilidade entre a área das Ciências Sociais em sentido lato e a Filosofia. O campo filosófico, ‘abrindo-se’ e interrogando questões e conceitos que poderiam ser fecundos para ambas as partes; por exemplo, questões como o corpo (na perspectiva anteriormente referida por Butler) mereceriam que houvesse uma

‘passagem’ entre estas áreas, já que muita da teorização sobre o corpo vem da fenomenologia, em particular da obra de Husserl e de Merleau-Ponty, e os trabalhos que tentam fazer essa *travessia* ficam numa ‘terra de ninguém’ entre um pensamento filosófico sobre a sociedade e o pensamento antropológico e social que se tenta introduzir na filosofia. Até que ponto é que a obra de N. Elias não é descontextualizada do seu enquadramento filosófico e médico, tornando-se apenas ‘social’? Até que ponto é que a obra de M. de Certeau, *Invenção do Quotidiano*, na sua compreensão de um (outro) tipo de racionalidade, investida numa prática, fica do lado do ‘social’, escamoteando o trabalho propriamente filosófico que nele está investido? Trata-se da compreensão de outro tipo de racionalidades que podem criar outro tipo de possibilidades, de outro tipo de práticas que nelas próprias, na sua insignificância social e política, dão sentido à vida, são possibilidades de vida, onde historicamente se inscrevem muitas das práticas e dos saberes ditos femininos. Práticas pensadas como desligadas da teoria e que não possibilitam, ou antes, que foram vistas como impedindo o acesso à abstracção. Este tipo de trabalho sobre racionalidades que se investem numa prática (do habitar, do cozinhar, da leitura, etc.) podem ajudar a compreender outros modos de conhecimento e são tentativas de elaboração de teorias do conhecimento.

Há ainda a considerar o trabalho da Psicanálise que atravessa uma parte da produção filosófica contemporânea na compreensão e no próprio funcionamento das teorias do sujeito. Entre nós tem sido escassa essa travessia ou a ‘entrada’ de conceitos psicanalíticos na produção filosófica e teórica (sem implicar ‘confusão’ de domínios). De referir a tese de mestrado de Ana Isabel Crespo, “Não aconteceu nada em Hiroshima. Uma abordagem de género na Psicoterapia: uma micro-política”, na qual é feita a articulação entre a filosofia (em particular a obra de Deleuze) e a psicoterapia. Ora este cruzamento está presente no campo dos Estudos sobre as Mulheres, explícito em obras como as de Jane Flax sobre *Psicanálise e Feminismo*, de Sarah Kofman, Irigaray, Kristeva, Schneider, como um dos lugares de produção teórica, já que segundo Tubert, “tanto a psicanálise como o feminismo, para além dos seus contributos para o saber acerca do ser humano, constituíram-se como modos de questionamento dos conhecimentos estabelecidos, pelo que se situam na dimensão do pensamento crítico” (1996: 7).

Outra área a ser mencionada é a que tem a ver com as questões de ética feminista e de teologia (ver T. Toldy, 1998).

Uma outra questão importante: a possibilidade do trabalho filosófico se constituir num diálogo ou num diferendo com a sua própria história. Esse diálogo, atravessado por vezes pelo diferendo, permite a recusa e a saída da clausura, um trabalho de produção e de citação, de paisagem textual e de pensamento.

Deve ainda ser considerada como tarefa premente a edição e tradução em português de obras de filósofas e teóricas feministas<sup>27</sup> e a edição de bibliografias temáticas.<sup>28</sup>

## Estudos sobre as Mulheres e Arte

Nesta elaboração de uma paisagem textual, na sua abertura a outras áreas disciplinares, no que isso pode significar de recusa de enclausuramento teórico da área dos *Women's Studies*, esta recusa, ou antes a sua afirmação, levar-nos-ia a uma reflexão sobre a produção estética e sobre a arte produzida em particular pelas mulheres. Nesse sentido, começaria por referir a ausência de trabalhos sobre a arte e a estética na área dos *Women's Studies* entre nós, apesar de ser esta uma área de investimento das mulheres no âmbito filosófico (Filomena Molder) no que penso ser, juntamente com a ética, uma das áreas em que poderia haver no contexto português uma articulação interessante, dada a multiplicidade das abordagens pictóricas e o grande número de mulheres pintoras de qualidade e (o que não é de menosprezar) com reconhecimento público. Obras como a de Paula Rego, como afirmação pública de uma fala recalcada na sociedade portuguesa (como diz Jorge Molder, "Uma ferida que não cura"), que se diz nomeadamente no conjunto de pinturas sobre *O Crime do Padre Amaro* e "Untitled".<sup>29</sup> Paula Rego justifica deste modo a escolha desta obra de Eça de Queiroz para as suas pinturas:

Escolhi um romance muito português, porque achei que precisava de actividade social, em vez de coisas que se encontram nos contos de fadas. (...) Gosto muito da relação entre eles. (...) Ele precisa de alguém a quem dar ordens, que lhe faça as vontades, e ela precisa de ser essa pessoa. Mas abdica de si própria.<sup>30</sup>

Há ainda as *Escolhidas* de Graça Morais.<sup>31</sup> Ou ainda o trabalho incansável de Helena Almeida sobre o corpo, a habitação.

O que acontece quando alguém quer, não pintar uma tela ou esboçar um desenho, mas se decide a habitá-los? Provoca, por meio de falsos infortúnios e desaires, a revelação dos paradoxos que constituem a história interna, secreta, do acto pictórico. (...)

Trata-se de imagens habitadas, como Helena Almeida disse dos desenhos e das pinturas, e essa habitação é como um acontecimento fisiológico, biológico, o que, para não fazer sofrer os espíritos mais sensíveis, se pode traduzir por biografia. (Molder, 1995: 22 e 27)

Ou ainda, para falar dessa condição de habitação, o trabalho de Lourdes Castro nos seus objectos quotidianos, lençóis, sombras. "Trabalhar em consequência torna forçosamente a obra, flecha ou sombra, espessa de transparente invisibilidade e de depurada produção. Hoje, ao habitar, um a um todo o presente, a sua sombra é a sua obra de arte, acordada à claridade do dia, dormindo com a da noite" (M. Zimbro, *Lourdes Castro*, 1992).

Há ainda uma dificuldade mais geral a nível disciplinar: a da articulação das artes com as ciências. Quais são os modos diferentes de produzir ciência? De produzir arte? Deve ser mencionado o trabalho de Idalina Conde sobre a produção

artística e sobre artistas, em particular Sarah Affonso (1996) e justamente sobre "Artistas e cientistas: um retrato comum" (1998).<sup>32</sup>

Estas curtas referências à questão dos Estudos sobre as Mulheres e a Arte justificam-se por me parecer que tem havido uma produção paralela, sem questionamento e reflexão sobre o trabalho produzido, sobre as condições de possibilidade de criação de uma obra. Nestas referências mínimas a pintoras que não significam casos excepcionais, "escolhidas" quase de modo aleatório, formula-se de outro modo a questão de Beauvoir: O que é ser mulher e filósofa? O que é a concepção? O que é habitar? O que é criar? Já que, nestas pintoras, é como se elas partissem das experiências das mulheres e deixassem que nelas surgisse "a revelação do acto pictórico", o "habitar, um a um, todo o presente, a sua sombra é a sua obra de arte", reencontrando deste modo, nestas experiências pictóricas, as próprias noções filosóficas de concepção, de gestação (Sissa, 2000), que leva à busca de um solo teórico (raiz, rizoma...), por não ser capaz de lhe dar outro nome e estando ciente de que esse solo tem incidido a nível teórico e prático no próprio estatuto das "mulheres".

"Por outras palavras, não há o corpo, há corpos. (...) Donde é preciso afirmar uma multiplicidade irreductível (não há corpos, mas corpos) e uma espécie de contabilidade itinerante: é preciso a realidade dos corpos corpo a corpo" (E. P. Coelho). Gostaria pois de referir outras áreas em que o 'corpo' aparece. Ao nível dos contextos históricos, a produção de um corpo marcado de modo intenso por um determinado ideal de feminilidade, cite-se o trabalho de Inês Brasão, *Dons e disciplinas do corpo feminino: os discursos sobre o corpo na História do Estado Novo* (1999), ou o trabalho (1997) e a exposição organizada por Paulo Guinote sobre o quotidiano feminino, ou de Cecília Barreira, *História das Nossas Avós* (1993), ou ainda discussões médicas sobre a anorexia e a bulimia que são importantes, mas que raramente estiveram ligadas a um projecto feminista de desmontagem e transformação de lugares de poder, a saber o *Mito da Beleza*, de Naomi Woolf (1994). Ou ainda o corpo de trabalho, marcado pela produção e pela reprodução (ver Paulo Raposo, Nuno Porto, Raul Iturra) e também os trabalhos de Brian O'Neill e João Pina Cabral — "as maternidades diferentes". Ainda devem ser mencionados os corpos marcados pela violência: a ver os trabalhos de João Fatela (1989) e de Lourenço, Lisboa e Pais (1997) e ainda o estudo de Elza Pais (1998) sobre o homicídio conjugal; mais especificamente abordando o tema da violência contra as mulheres, os trabalhos de L. F. Silva (1995) e Fátima Monteiro (1999), esta última numa perspectiva marcadamente feminista, na sua afirmação da passagem de "vítimas a sobreviventes", corpos muitas vezes nos limites de si próprios, quebrados, exangues. No que diz respeito ao desporto, é importante a publicação do n.º 4 da *ex-aquo*, dedicada a *Mulheres e Desporto*, organizado por Isabel Cruz e Paula Botelho Gomes, sendo extremamente pertinente o modo como na área do desporto se expõe abertamente o "corpo construído" (Guillaumin) e as ambiguidades e as indecidibilidades do "corpo feminino" e os modos de perda das características ditas do género feminino, ou de outro modo, uma zona de fronteira, onde os medos de contaminação de géneros surgem porque os modelos dominantes de masculinidade e de feminilidade se diluem. Ao nível da dança colocam-se questões similares.

P. Como definiria o seu trabalho?

R. Pensar... pensar, pensar. Movimentarmo-nos é pensar. A mente de um coreógrafo é composta por movimentos, a todos os níveis. Não se trata apenas de analisar o movimento físico, mas também o movimento das ideias. (William Forsythe, "Quero ver os vossos pés cantar", *Público*, 14/11/99)

Ou a reflexão de Bill T. Jones:

As pessoa ainda não estão seguras que homens e mulheres são iguais... mas ninguém pode negar que todos temos um corpo com uma trajetória que nasce, cresce e morre. A mortalidade que faz de nós seres vulneráveis é o que une a experiência humana, mais do que qualquer outra coisa. (*Público, Artes e Ócios*, 13/11/1998, entrevista a M.<sup>a</sup> José Fazenda)

Estamos pois de novo e de modo circular diante da questão de Haraway, da sua referência a "'género' (...) para problematizar o que se tomava como certo, para reconstituir o que conta como 'humano'" (1993: 289). Nas afirmações dos coreógrafos, por exemplo, há a tentativa de criar "uma comunidade dialogal de citação" (Collin), mas há também a própria noção de 'nós' (de comunidade) feita na dança, feita no movimento do corpo e das ideias, feita na multiplicidade de experiências, de face a face com a mortalidade. É curioso lembrar que Emma Goldman, feminista do princípio do século XX, ligava a dança e a revolução: "si je ne peux pas danser, je ne veux pas en être, de votre révolution" — afirmação longamente comentada por Derrida (na entrevista anteriormente citada), o movimento feminista e a dança, ou antes a aprendizagem da multiplicidade de experiências no que elas trazem também de conflito, de heterogéneo, de dissenção. Multiplicidade de experiências de comunidade que passa pela reflexão do que pode significar o cuidado de si (Foucault) na relação nomeadamente com o "corpo próprio" e nele hoje para nós a alteridade, essa "condição de habitação" que se abre no corpo das mulheres na maternidade, "esse habitar a tela" (Molder sobre H. Almeida), essa indecibilidade. Deste modo, percorrendo, por exemplo, os textos de José Gil (1980, 1995), aparecem entre outros os temas da comunidade primitiva e as funções do corpo comunitário, o dançar e o rir dos corpos (a dança é Emma Goldman que espreita), o corpo nas colónias penais, a elaboração do corpo na ciência. Retomando os autores agora citados, neles se diz, claro, o riso, a violência sobre os corpos, "a realidade dos corpos corpo a corpo" (E. P. Coelho), a que refere a violência do Estado, mesmo na aparente docilidade dos "bons costumes" (Brasão), e a violência dos homens sobre as mulheres (Lourenço, Lisboa e Pais, Silva, Monteiro). A elaboração do corpo pela ciência (Oudshorn, Lock, Hubbard, Franklin), ou pegando no trabalho de M. Vale de Almeida sobre a construção social da masculinidade, e sobretudo, percorrer o livro por ele organizado, *Corpo presente. Treze Reflexões Antropológicas Sobre o Corpo*:

em Portugal, quedámo-nos, mais uma vez, na situação de receptores das novidades editoriais. O próprio funcionamento, algo liceal e auto-reprodutivo, das nossas

universidades, bem como a marginalidade em que nos encontramos na economia-mundo do conhecimento, levou a uma perplexidade expectante em relação aos desenvolvimentos desta área. Mas, paradoxalmente, as nossas desvantagens parecem ser também as nossas vantagens, pois podemos manipular fontes de origens nacionais diversas, somos híbridos de cidadãos da periferia e membros de uma elite cultural transnacional. (Almeida, 1996: 2-3)

Permito-me referir que em algumas destas "treze reflexões antropológicas sobre o corpo" reencontramos temas que foram enunciados por José Gil (1980, 1985), o corpo na construção disciplinar da Antropologia, "o corpo e a visibilidade da diferença" (Nélia Dias), o corpo nas colónias penais, "corpo recluso" (Manuela Cunha), a dança, "corpo naturalizado" (M.<sup>a</sup> José Fazenda); para além destes e sem os nomear a todos, o corpo marcado pelas transformações do envelhecimento (Susana Matos Viegas), pela doença (Cristiana Bastos), pela morte (Clara Saraiva). Por outras palavras, a referência à obra de José Gil e de Vale de Almeida (neste caso, dos autores com quem trabalhou) e aos temas que atravessam estes trabalhos são um modo de constituir um mapa ou um ponto de partida.

### Para concluir

O corpus: que boa ideia! com a condição de se querer ler no corpus o corpo (...), que se tenha com este conjunto alguma relação amorosa (sem a qual o corpus não é senão um imaginário científico).<sup>33</sup>

Assim como 'corpo' na definição de Butler é um *set* de linhas/fronteiras de ordem diversa, este texto é também um *corpus* constituído por textos e referências diversas: ele não constitui o levantamento de uma área, mas do que circula à sua volta, o que circula nas 'bordas' da filosofia, que é dito através de autores que considero relevantes, de citações, de referências bibliográficas, de acontecimentos culturais, "de histórias que nos deixaram o mapa depois da viagem" (J. T. Mendonça). Como a referência de Barthes sobre o *corpus*, ou a sua frase belíssima de *S/Z*, "on étoilera donc le texte", como uma forma de perceber como há um conjunto de questões que formam o texto, a saber: o contexto português e a produção científica na área dos Estudos sobre as Mulheres a partir da década de 80; a interrogação, o questionamento dos próprios conceitos — tarefa fundamental da filosofia — como fulcral no âmbito dos *Women's Studies*. Desse questionamento faz parte, numa perspectiva crítica e genealógica, a questão: o que é ser mulher? e mulheres? e género? sexo? e 'corpo'? como um feixe de narrativas de ordem diversa em que se cruza o tempo, o espaço, a história. A ideia de não escrever sobre uma área mas sobre o que nela circula, a borda, a rodeia, a atravessa, porque é próprio dos *Women's Studies* também a desmontagem das perspectivas disciplinares, com os riscos diversos que isso pode acarretar: riscos de ordem

teórica — uma terra de ninguém, um “no woman’s land” — e o olhar disciplinar que afasta esse não-lugar, e riscos práticos (na progressão na carreira, inserção em departamentos, constituição de júris de provas, etc.). Para além desse trabalho de constituição de uma área com o que tal significa — seminários, textos, traduções, revistas, discussões, cursos académicos — há que sair para o exterior desse campo, de modo a que possa surgir inovação dos temas e das abordagens, novos estilos de escrita, articulação com outros pontos de partida, etc., aquilo que F. Collin diz de maneira clara e brilhante: “Mas ao mesmo tempo que elas [as investigadoras feministas] nos lembram a ortodoxia de uma certa doxa, nós podemos e devemos ser heterodoxas e heréticas, erráticas, deixando-nos deslizar sobre o rasto do pensamento, reabrindo no género o heterogéneo” (1992: 93).

Este texto é também ele heterogéneo no rasto do pensamento, na busca de novas conjunções possíveis com as ciências, as artes, a dança. Para concluir, relembro de novo o seu início: “Um balanço é neste caso assumir responsabilidade, face à leitura que se propõe e ao percurso no qual nos inscrevemos”. É também saber que “algumas histórias tornaram-nos herdeiros de um lugar, outras de uma casa, outras de uma razão...” (Mendonça, 2001: 5). Talvez que a nossa pretensão para que se possa ser herdeira tente aliar o lugar, a casa e a razão.<sup>34</sup>

## Notas

- 1 Tendo em conta que a maneira de enunciar estes ‘objectos’ de estudo é pura e simplesmente feita sob forma de uma ‘etiqueta’ que recobre uma multiplicidade de abordagens disciplinares e de perspectivas teóricas. O próprio objecto de estudo ‘mulheres’ pede que dele seja feito hoje, entre nós, o percurso histórico da sua investigação, e a sua escolha prende-se certamente com um modo menos conotado ideologicamente e desligado das teorias e das perspectivas feministas. Diz Buttafuoco sobre a construção da memória-identidade: “não foram as mulheres em geral que se colocaram [este] problema, mas as feministas, quer dizer, aquelas mulheres que desenvolveram uma análise dos mecanismos da opressão sexual, colocando a hipótese da sua superação através de práticas políticas específicas. Isto quer dizer, além disso, que as feministas tiveram e têm uma interpretação particular do destino social das mulheres na história” (1990: 49).
- 2 Em particular a comunicação apresentada no seminário sobre “O Feminismo em Portugal”, organizado pela UMAR.
- 3 Estes efeitos de moda e de poder podem ser compreendidos com alguma ironia a partir das cinco categorias que, segundo Rosi Braidotti, enquadram a relação das investigadoras com os Estudos Feministas, a saber: “as pioneiras que lançam o movimento; as ideólogas que tentam adaptar o seu feminismo às exigências da profissão académica; as radicais que inscrevem o seu feminismo no quadro de uma experiência teórica de mudança global do estatuto das mulheres; as retardatárias que finalmente acabam por descobrir que apesar de tudo as mulheres são um domínio de estudo

respeitável e interessante; e por fim as ‘penduras’ [*branchées*] que fazem estudos feministas porque está na moda. Inútil dizer que a maior parte de nós pertence a várias se não a todas as categorias” (1990: 44).

- 4 “Os livros de filosofia e as obras de arte contêm também a sua soma inimaginável de sofrimento que faz pressentir o advento de um povo” (1991: 105). Le Dœuff diz de V. Woolf: “As crises de loucura de V. Woolf testemunham a enorme tensão que ela consentiu viver para realizar a obra que é a dela. *Um quarto que seja seu* e *Três guinéus* explicitam talvez isso: ela tinha consciência de que nada destina uma mulher a ser escritora” (1989: 146).
- 5 As referências acima feitas foram surgindo na busca de textos nos quais, em momentos diversos, apresentei a situação dos estudos sobre as mulheres em Portugal, as suas fragilidades, as suas alianças, a sua especificidade, os seus esquecimentos; textos, notas, em que está marcado o ponto de vista pessoal que referi no início deste texto; ponto de vista pessoal dependendo também do trabalho num organismo de Administração Pública e da minha formação académica (cf. bibliografia).
- 6 Citado em A. Sedas Nunes, *Questões Preliminares de Ciências Sociais*, 5.ª ed., Presença, 2001.
- 7 Seria interessante analisar as flutuações que, em particular nos últimos 6 anos, têm sofrido a nível da representação no governo as questões da Igualdade: Alto Comissariado para as Questões da Igualdade e da Família, Ministra para a Igualdade, tutela do Ministro da Presidência, Secretária de Estado..., nunca sendo muito claros estes diferentes enquadramentos institucionais e, por conseguinte, a importância política que lhes é dada.
- 8 Sabendo-se que Portugal ainda tem uma posição periférica a nível da produção internacional dos conhecimentos, aparecendo como *exceção* nas estatísticas europeias devido à alta participação das mulheres nas áreas das Ciências e nas conferências internacionais europeias sobre o tema, apresentámos, tal como outros países, em particular os do Sul da Europa, o “nosso” caso, desenvolvimento e lacunas respectivas, em suma, o “nosso atraso”, já que é difícil questionar o modelo dominante de implementação desta área de estudos.
- 9 Com um programa extremamente interessante, com linhas de metro que constituem uma rede, a saber: linha da consciência, do corpo, da estética, da ética, do genoma, da matéria, da palavra, da sociedade, da técnica e do género: “Este metro divide-se em 10 linhas, das quais apenas uma — a do género — está ainda em construção” (*Público*, 23/2/2001: 38), e assim continuava em finais de Setembro de 2001.
- 10 No âmbito das quais haverá uma de Françoise Balibar sobre “O género da ciência” e outra de Alyson Wylie sobre “A ciência do género”.
- 11 Nem travessias de pensamento como, por exemplo, o modo como em Itália, nomeadamente em Milão, há um conjunto de trabalhos sobre “il pensiero de la differenza sessuale”, marcado pelo trabalho de Irigaray, sendo o nome mais conhecido o de Luisa Muraro. É interessante também que foi no contexto italiano, em conferências aí proferidas, que Irigaray produziu/fez algumas propostas políticas publicadas em *Ethique de la Différence Sexuelle*.
- 12 Questão referida quer por Beauvoir, quer por Irigaray.
- 13 “A genealogia é cinza; é minuciosa e pacientemente documentária. Trabalha com

- pergaminhos embaralhados, riscados várias vezes e reescritos. (...) a sua tarefa não é a de mostrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente (...), nada que se assemelhe à evolução de uma espécie ou ao destino de um povo. Seguir o filão complexo da proveniência é, pelo contrário, manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios — ou pelo contrário as inversões completas —, os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos, não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente” (Foucault, 1995: 15, 21).
- 14 Laqueur refere explicitamente que foram os *Women's Studies* que possibilitaram o seu trabalho. *Making sex* é um livro notável na medida em que revela a persistência de um modelo exemplar de descrição do corpo feminino que vem desde a Antiguidade grega e que dominou a medicina ocidental até ao século XVIII, o da mulher fálica. Noutros termos, a diferença sexual, enquanto oposição entre duas morfologias diferentes e complementares, é uma descoberta recente. Durante séculos, a realidade objectiva à qual a ciência confere uma garantia de validade foi a de dois corpos aparentemente diferentes mas de facto anatomicamente idênticos, excepto em que um exibe no exterior o que o outro dissimula no interior” (Sissa, 1992: 81).
- 15 “A indistinção morfológica é, com efeito, uma solução elegante para colocar a existência de um único género no seio do qual o masculino e o feminino tomam lugar, a relação que os une sendo logicamente de natureza hierárquica. (...) O homem é a expressão do género no que ele deve ser: irrepreensível e exemplar. A mulher é sempre, enquanto tal, um falhanço” (Sissa, 1992: 82-83).
- 16 Sobre esta questão é extremamente interessante a abordagem minuciosa de Colette Guillaumin, em particular no texto “Le corps construit” sobre a “empresa de fabricar um corpo às mulheres ao mesmo tempo fechado sobre si próprio e livremente acessível” (1992: 141).
- 17 Em nota, a p. 152 refere M. Foucault, cuja *História da Sexualidade* oferece uma maneira de repensar a história do ‘sexo’ dentro de um dado contexto eurocêntrico moderno, e também Thomas Laqueur e Catherine Gallagher (*The Making of the Modern Body — Sexuality and Society in the 19th Century*, Berkeley, University of California Press, 1987).
- 18 Robert J. Stoller (1968), *Sex and Gender: On the Development of Masculinity and Femininity*, Hogarth Press.
- 19 Definição de cyborg por Haraway: “um cyborg é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura tanto da realidade social como de ficção. A realidade social são as nossas relações vividas, a nossa construção política mais importante. O cyborg é uma questão de ficção e de experiência vivida que muda o que conta como experiência das mulheres no final do século XX. Isto é, trata-se de uma luta de vida e morte, mas as fronteiras entre ficção científica e realidade social são uma ilusão de óptica” (1989: 191).
- 20 Na importância que era dada ao local onde se enterrava o cordão umbilical, etc.
- 21 Título original: “Ecce homo, Ain’t (Ar’n’t) I a woman, and innapropriate others: the human in a post-humanist landscape”, editado por Joan Scott and Judith Butler na colectânea *Feminists Theorize the Political*, Nova Iorque, Routledge, 1992.

- 22 *L'arraisonnement des femmes*, de Nicole Claude-Mathieu, explicita essa ‘quase’ razão das mulheres.
- 23 “É difícil hoje conceber um universo sem hormonas. É preciso viajar no tempo para encontrar mundos nos quais elas eram desconhecidas. Imaginemos uma calma tarde de domingo, no final do século XIX. As mulheres comentam os últimos acontecimentos importantes. Se pudéssemos surpreender a conversa delas teríamos um apanhado pormenorizado, íntimo, do modo como afrontavam o quotidiano. Talvez tivéssemos a sorte de ouvir as suas confidências sobre as gravidezes, os partos. Não saberemos nunca quais eram as palavras precisas que elas então empregavam, mas uma coisa é certa: não falavam de hormonas para falar da sua existência, pois a palavra não existia. O conceito de hormona foi forjado em 1905. (...) Hoje milhões de mulheres fazem tratamentos hormonais e muitas referem-se ao modelo hormonal para explicar a fisiologia e o comportamento femininos” (Oudshoorn, 1998: 775).
- 24 O Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida foi criado em 1991.
- 25 Excepto os trabalhos de Ana Luísa Janeira sobre esta filósofa.
- 26 Nas palavras de L. R. Ferreira: “tratou-se de um colóquio interdisciplinar. (...) As comunicações distribuíram-se por quatro grandes temáticas: a natureza feminina (...): como os filósofos pensaram as mulheres (...); o que as mulheres pensaram e (...) as representações do feminino na cultura ocidental” (Ferreira e Henriques, 1999: 15).
- 27 Há que lembrar aqui que nos vários volumes da *História das Mulheres* existem textos sobre questões filosóficas. Pena foi que, ao contrário de outros países (Espanha, Brasil), não tenha ainda sido realizado um volume sobre a História das Mulheres em Portugal.
- 28 Obras como as editadas por Waithe (4 volumes) e, mais recentemente em francês, a antologia crítica *Les Femmes, de Platon à Derrida*, editada por F. Collin, E. Pisier e E. Varikas (2000) que, para além de textos dos filósofos, contém uma excelente bibliografia referente a cada um dos autores. Sublinhem-se ainda duas extremamente interessantes revistas publicadas em inglês: *Hypathia* e *Radical Philosophy. A Journal of Socialist and Feminist Philosophy*. Em português, há que mencionar as revistas brasileiras *Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*.
- 29 Na apresentação deste conjunto de pinturas, diz Jorge Molder: “A série não tem título, como uma ferida que não cura, o corolário de um mal que pode ser mais ou menos localizado, mas cuja cura não se prevê”.
- 30 Lembro que esta exposição teve lugar na F. C. Gulbenkian, de 18 de Maio a 29 de Agosto de 1999, coincidindo com o referendo sobre a despenalização da IVG.
- 31 A que as palavras de Hermínio Monteiro dão vida deste modo: “são as mulheres a quem a dureza do meio, a procriação, a manutenção do lume, a guarda da memória e as clarabóias dos quartos escuros outorgaram uma vida legível nos traços dos seus rostos. Habitualmente falam pouco. Observam com perspicácia cada interlocutor. Raramente se queixam. Conhecem de cor os feitios da terra desde as geadas dos lameiros à secura das geadas. E assim, há muitos anos, cumprem os mesmos ciclos que lhes trazem o nascimento das crias, o milho para as arcas e o azeite às talhas. Sabem o mistério das sementes que debulham, escolhem e semeiam sempre com idêntica esperança” (1997: 7).
- 32 Ou ainda, a um nível mais colectivo, seria interessante perceber porque escasseou

tanto entre nós a produção gráfica (cartazes, folhetos, agendas) ligada a comemorações, encontros, debates... como forças de celebração a cuja intensidade não devia ser alheia a sua qualidade estética.

33 Roland Barthes par Roland Barthes, Seuil, 1975: 163.

34 Agradecimentos à Dr.<sup>a</sup> Helena Sousa Dias, que me disponibilizou o levantamento que realizou de trabalhos filosóficos publicados por mulheres; à M.<sup>a</sup> José Geraldês e Eulália Miguéis, do Centro de Documentação da CIDM.

### Referências bibliográficas

- Actas do Colóquio *A Mulher na Sociedade Portuguesa: Visão Histórica e Perspectivas Actuais* (20-22 Março 1985), (1986), 2 vols., Coimbra.
- Actas do Seminário *A Mulher e o Ensino Superior, a Investigação Científica e as Novas Tecnologias em Portugal* (1987), Cadernos C. C. Feminina, n.º 21.
- Almeida, Miguel Vale de (1995), *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa, Fim de Século.
- Almeida, Miguel Vale de (org.) (1996), *Corpo Presente. Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo*, Oeiras, Celta.
- Alves, M. Valente, e A. Barbosa (orgs.) (2000), *O Corpo na Era Digital*, Dep. Educação Médica da Fac. Medicina de Lisboa.
- Amâncio, Lúcia (1994), "Género: representações e identidades", *Sociologia, Problemas e práticas*, 14, 127-140.
- Amâncio, Lúcia (1994), *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto, Afrontamento.
- Amâncio, Lúcia, e Patrícia Ávila (1995), "Género e ciência", em J. C. Jesuino, (org.), *A Comunidade Científica Portuguesa nos Finais do Século XX*, Oeiras, Celta, 135-162.
- Amâncio, Lúcia (coord.) (2001), Número temático sobre "Sexo e género", *Psicologia*, XV (1).
- Amorós, Celia (1985), *Hacia una Crítica da la Razón Patriarcal*, Barcelona, Anthropos.
- Amorós, Celia (1997), *Tiempo de Feminismo. Sobre Feminismo, Proyecto Ilustrado y Postmodernidad*, Madrid, Cátedra.
- André, Isabel M. (1993), "O falso neutro em geografia humana. género e relação patriarcal no emprego e no trabalho doméstico", dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras de Lisboa.
- Araújo, Helena Costa (2000), *Pioneiras na Educação: as Professoras Primárias na Viragem do Século: Contextos, Percursos e Experiências, 1870-1933*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.
- Ardaillon, Danielle (1997), "Cidadania de corpo inteiro. Discursos sobre o aborto em número e género", tese de doutorado, Universidade de São Paulo.
- Auffret, Séverine (1987), *Mélanippe la Philosophe. Trilogie*, Paris, Ed. des Femmes.
- Barreira, Cecília (1993), *História das Nossas Avós*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- Beauvoir, Simone (1976; 1949), *Le Deuxième Sexe*, 2. vols., Paris, Gallimard.

- Beleza, M.<sup>a</sup> Teresa (1990), *Mulheres, Direito, Crime ou A Perplexidade de Cassandra*, AACDLL.
- Belo, Fernando (1983), "Quando masculino/feminino não coincide com homem/mulher", *Jornal de Letras*, 77, 27 de Dezembro.
- Belo, Fernando (1984), "As guerras (e os amores) dos homens e das mulheres", em J. Mozzicafredo (org.), *Os Caminhos da Liberdade: da Idade da Razão à Idade da Revolta. Discussões sobre a Política e a Cultura no Pós 25 de Abril*, Espaço-tempo, 163-172.
- Belo, Fernando (1987), "Luce Irigaray: este sexo que não é um/uno", em *Linguagem e Filosofia: Algumas Questões para Hoje*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Belo, Fernando (1989), "Feminino/masculino: dispositivos em metamorfose", em *As Mulheres, a Identidade Cultural e a Defesa Nacional*, Actas do Seminário de 5-7 Abril 1989, Cadernos Condição Feminina, n.º 29, 33-36.
- Belo, Fernando (1995), "Sexo e género: que relação?", em *Universidade de Verão, Actas. Em busca duma Pedagogia da Igualdade*, CIDM e SUENS da Univ. de Palencia, CIDM, 249-265.
- Belo, Fernando (2001), "Mulher e homem, casa e alma, Luce Irigaray e Platão", em L. R. Ferreira (org.), *Também há Mulheres Filósofas*, Lisboa, Caminho, 187-204.
- Bourdieu, Pierre (1998), *La Domination Masculine*, Paris, Seuil.
- Braidotti, Rosi (1990), "Théories des études féministes: quelques expériences contemporaines en Europe", *Cahiers du Grif*, 45, 29-50.
- Brasão, Inês (1998), *Dons e Disciplinas do Corpo Feminino nos Discursos Sobre o Corpo na História do Estado Novo*, Lisboa, ONGCCCIDM.
- Butler, Judith (1990), *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity*, Londres, Routledge.
- Buttafuoco, Annarita (1990), "Historia y memoria de sí. Feminismo e investigación histórica en Italia", em Giulia Colaizzi (org.), *Feminismo y Teoría del Discurso*, Madrid, Cátedra, 45-85.
- Cabral, João Pina (1984), "As mulheres, a maternidade e a posse da terra no Alto Minho", *Análise Social*, 80, 97-112.
- Cabral, João Pina (1989), *Filhos de Adão, Filhas de Eva: a Visão do Mundo Camponesa no Alto Minho*, Lisboa, D. Quixote.
- Cahiers du Grif*, 46 (1992) *Provenances de la Pensée, Femmes/Philosophie*.
- Campos, Luís E. M. (1989), *A Mulher em Textos e Contextos. Um Recenseamento Bibliográfico, Tematicamente Indexado, sobre Publicações Periódicas Portuguesas (1974-1988)*, Cadernos Condição Feminina, n.º 26.
- Camps, Victoria (1993), *Virtudes Públicas*, Madrid, Espasa Calpe.
- Camps, Victoria (1998), *El Siglo de las Mujeres*, Madrid, Cátedra.
- Casado, Elena (1999a), "Cyborgs, nómadas, mestizas... Astucias metafóricas de la praxis feminista", em G. Gatti e I. Martínez (orgs.), *Las Astucias da Identidad. Figuras, Territorios y Estrategias de lo Social Contemporáneo*, Ed. Univ. Pais Vasco, 41-59.
- Casado, Elena (1999b), "A vueltas com el sujeto del feminismo", *Política y Sociedad*, 30, 73-91.
- Certeau, Michel de (1980), *L'Invention du Quotidien. I: Arts de Faire*, Paris, UGE, 10/18.
- CIDM (1993), *Estudos sobre as Mulheres em Portugal*, Cadernos da Condição Feminina, n.º 38.

- Claude-Mathieu, Nicole (org.) (1985), *L'Arraînement des Femmes. Essais en Anthropologie des Sexes, Cahiers de l'Homme*, série XXIV, Paris, EHESS.
- Clement, Grace (1966), *Care, Authonomy and Justice. Feminism and the Ethics of Care*, Boulder, CO, Westview Press.
- Colaizzi, Giulia (org.) (1990), *Feminismo y Teoría del Discurso*, Madrid, Cátedra.
- Collin, Françoise (1986), "Du privé et du public", *Hannah Arendt, Cahiers du Grif*, 33.
- Collin, Françoise (1992), "Praxis de la différence", *Provenances de la Pensée, Cahiers du Grif*, 46, 125-141.
- Collin, Françoise (1992), "Un héritage sans testament", *Les Enfants des Femmes, Cahiers du Grif*, Complexe, 145-150.
- Collin, Françoise (1995), "Historia y memoria o la marca y la huella", em Fina Birulés (org.), *El género de la memoria*, Pamplona, Pamiela, 155-171.
- Collin, Françoise (1995), "Diferença e diferendo. A questão das mulheres na filosofia", *História das Mulheres*, vol. 5, Porto, Afrontamento, 315-349.
- Collin, Françoise (1996), "Do moderno ao pósmoderno", em *Filosofia e Xénero*, Aula Castelao de Filosofia, Ed. Gerais de Galícia, 28-43.
- Collin, Françoise (1997), "L'oblio di una vecchia questione filosofica", em F. Collin e Marina Forcina, *La Differenza Dei Sessi Nelle Filosofia, Nodi Teorici e Problemi Politici*, Lecc, Millela, 19-46.
- Collin, Françoise (2000), *Le Différend des Sexes. De Platon à la Parité*, s. l., Ed. Pleins Feux.
- Collin, Françoise, Evelyn Piser e Eleni Varikas (2000), *Les Femmes de Platon à Derrida, Anthologie Critique*, Paris, Plon.
- Comunicações ao Colóquio (1986), *Mulheres em Portugal*, organizado pelo Instituto de Ciências Sociais (Fev. 1985), *Análise Social*, 92 e 93.
- Conde, Idalina (1998), "Artistas e cientistas: retrato comum", em A. F. Costa e J. M. L. Viegas (orgs.), *Portugal: Que Modernidade?*, Oeiras, Celta, 165-207.
- Conde, Idalina (1996), "Sarah Affonso, mulher (de) artista", *Análise Social*, 131-132.
- Corrêa, Mariza (2000), "Do feminismo aos estudos de género no Brasil: um exemplo pessoal", conferência proferida em 9 Dezembro na Universidade Aberta (polic.).
- Costa, A., C. Barroso e C. Sarti (1985), "Do limbo ao guetto?", *Cadernos Pesquisa sobre a Mulher no Brasil*, 54.
- Courtine-Denamy, Sylvie (1997), *Trois Femmes Dans de Sombres Temps: Édith Stein, Hannah Arendt, Simone Weil*, Paris, Albin Michel.
- Cova, Anne (1998), "L'enseignement de l'histoire des femmes dans la Péninsule Ibérique", em Anne-Marie Sohn e Françoise Thélamon (orgs.), *L'Histoire sans les Femmes Est-Elle Possible?*, Paris, Perrin, 313-323.
- Crampe-Casnabet, Michèle (1991), "Saisie dans les Œuvres philosophiques (XVIIIe siècle)", in *Histoire des Femmes en Occident*, vol. 3 (XVI-XVIII siècles), Paris, Plon, 327-357.
- Crespo, Ana Isabel (1999), "Não aconteceu nada em Hiroshima, Uma abordagem de género na Psicoterapia: uma micro-política", tese de mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Universidade Aberta.
- Cruz, Isabel, e Paula B. Gomes (orgs.) (2001), Número temático sobre "Mulheres e Desporto", *ex-æquo*, 4.
- Cruz, M.<sup>a</sup> Teresa (2000), "Cyborg", em M. Valente Alves e A. Barbosa (orgs.), *O Corpo na Era Digital*, Dep. Educação Médica da Fac. Medicina de Lisboa, 130-143.

- Cunha, Paulo Silva e (1999), *O Lugar do Corpo. Elementos para uma Cartografia Fractal*, Instituto Piaget.
- Derrida, Jacques (1992), "Choréographies", *Points de Suspension. Entretien*, Paris, Galilée, 95-115.
- Duden, Barbara (1993), *Disembodying Women: Perspectives on Pregnancy and the Unborn*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- Elias, Norbert (1989), *O Processo Civilizacional [1939]*, Lisboa, D. Quixote.
- Fabião, Manuela (2000), "As mulheres cabo-verdianas e o batuque", tese de mestrado, Universidade Aberta.
- Farge, Arlette (1984), "Pratique et effets de l'histoire des femmes", em Michelle Perrot (org.), *Une Histoire des Femmes Est-Elle Possible?*, Marselha, Rivages, 18-35.
- Fatela, João (1989), *O Sangue e a Rua. Elementos para uma Antropologia da Violência em Portugal (1926-1946)*, Lisboa, D. Quixote.
- Ferreira, Ana Monteiro (1998), "Desigualdades de género no actual sistema educativo português. Sua influência no mercado de emprego", tese de mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Universidade Aberta.
- Ferreira, Luísa Ribeiro (org.) (1998), *O Que os Filósofos Pensam Sobre as Mulheres*, Centro de Filosofia, Faculdade de Letras de Lisboa.
- Ferreira, Luísa Ribeiro (2001), *Pensar no Feminino*, Lisboa, Colibri.
- Ferreira, Luísa Ribeiro (2001), *Também há Mulheres Filósofas*, Lisboa, Caminho.
- Ferreira, Luísa Ribeiro e Fernanda Henriques (coord.) (1999), Número temático sobre "Representações sobre o Feminino", *ex-æquo*, 1.
- Ferreira, Luísa Ribeiro, e Adelino Cardoso (2001), *Correspondência entre Descartes e Elisabeth*, Oeiras, Celta.
- Ferreira, Virgínia (1999), "A Reprodução e as novas tecnologias. Da volatilização da maternidade à materialização da paternidade", *ex-æquo*, 1, 33-43.
- Ferreira, Virgínia (1998/99), "Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, 199-227.
- Fidalgo, Lurdes A. (2000), "(Re)construir a maternidade numa perspectiva discursiva", dissertação de doutoramento, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.
- Flax, Jane (1987), "Postmodernism and gender. relations in feminist theory", *Signs*, 12, 621-643.
- Flax, Jane (1995), *Psicoanálisis y Feminismo. Pensamientos Fragmentarios*, Madrid, Catedra.
- Foucault, Michel (1995), "Nietzsche, a genealogia e a história", em *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 15-37.
- Fouque, Antoinette (1995), *Il y a Deux Sexes. Essais de Féminologie, 1989-1995*, Paris, Gallimard.
- Fraisse, Geneviève (1989), *Muse de la Raison: La Démocratie Exclusive et la Différence des Sexes*, Paris, Alinéa.
- Fraisse, Geneviève (1991), "De la destination au destin. Histoire philosophique de la différence des sexes", in *Histoire des Femmes en Occident*, vol. 4, Paris, Plon, 57-85.
- Franklin, Sarah (1997), *Embodied Progress. A Cultural Account of Assisted Conception*, Londres, Routledge.
- Garcia, José Luís (1995), "As mulheres telefonam às cegonhas", tese de mestrado, ISCTE.
- Gil, José (1980), *Metamorfoses do Corpo*, Lisboa, A Regra do Jogo.

- Gil, José (1995), "Corpo", *Enciclopédia Einaudi*, n.º 32, *Soma/Psiche: Corpo*, Imprensa Nacional, 201-266.
- Gil, José (1998), "Serei homem?", *Elipse. Gazeta Improvável*, 2 (Outono), 11-16.
- Gil, José (1999), "Euforia de terror", *Elipse. Gazeta Improvável*, 3 (Primavera), 33-41.
- Gilligan, Carol (1982), *In a Different Voice. Psychological Theory and Women's Development*, Cambridge, Mass., Harvard University Press (trad. port. com amputação do título original: *Teoria Psicológica e Desenvolvimento da Mulher*, F. C. Gulbenkian, 1997).
- Grunnel, Marianne, e Erna Kas (1995), "State of the art. modernization and emancipation from above: women's studies in Portugal" *European Journal of Women's Studies*, 2, 535-545.
- Guerreiro, António (1984), "O Feminino: esse oceano azul", *Jornal de Letras*, 1 Maio, 28-29.
- Guerreiro, António (1998), "O homossexual como pária", *Elipse. Gazeta Improvável*, 2 (Outono), 18-21.
- Guillaumin, Colette (1992), *Sexe, Race et Pratique du Pouvoir. L'idée de Nature*, Paris, Côté-Femmes.
- Guinote, Paulo (1997), *Quotidianos Femininos (1900-1933)*, 2 vols., Lisboa, ONGCCCIDM.
- Guinote, Paulo (2001), *Quotidiano Feminino, 1900-1940*, Arquivo C. M. Lisboa.
- Haraway, Donna (1991), *Simians, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature*, Londres, Routledge.
- Haraway, Donna (1993), "O humano numa paisagem pós-humanista", *Estudos Feministas*, 2, 277-292.
- Harding, Sandra (1986), *The Science Question in Feminism*, Ithaca, NY, Cornell University Press.
- Harding, Sandra (1986), "The instability of the analytical categories of feminist theory", *Signs*, 11 (4), 645-464.
- Harding, Sandra (1991), *Whose Science? Whose Knowledge? Thinking from Women's Lives*, Londres, Open University Press.
- Heilborn, M.ª. Luiza e Bila Sorj (1999), "Estudos de género no Brasil", *O Que Ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)*, *Sociologia*, Vol. VI, Ed. Sumaré, ANPOCS, 183-221.
- Hekman, Susan (org.) (1996), *Feminist Interpretation of Foucault*, University Park, Pennsylvania State University Press.
- Hirata, Helena (org.) (2000), *Dictionnaire Critique du Féminisme*, Paris, PUF.
- Holland, Nancy (1997), *Feminist Interpretation of Derrida*, Pennsylvania State University Press.
- Hubbard, Ruth, Sue Henifin e Barbara Fried (orgs.) (1982), *Biological Woman: the Convenient Myth*, Cambridge, Mass., Schenkman.
- Hurtig, Marie-Claude, Michèle Kail e Hélène Rouch (orgs.) (1991), *Sexe et Genre. De la Hiérarchie Entre les Sexes*, Paris, CNRS.
- Irigaray, Luce (1974), *Speculum de l'Autre Femme*, Paris, Ed. de Minuit.
- Irigaray, Luce (1977), *Ce Sexe Qui n'en Est Pas Un*, Paris, Ed. de Minuit.
- Irigaray, Luce (1980), *Amante Marine. De Friedrich Nietzsche*, Paris, Ed. de Minuit.
- Irigaray, Luce (1984), *L'Éthique de la Différence Sexuelle*, Paris, Ed. de Minuit.
- Iturra, Raul (1990), *A Construção Social do Insucesso Escolar. Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva*, Lisboa, Escher.

- Iturra, Raul (1997), *O Imaginário das Crianças*, Lisboa, Fim de Século.
- Jaggard, Alison M., e Susan Bordo (orgs.) (1997), *Género, Corpo, Conhecimento*, Rio Janeiro, Rosa dos Tempos.
- Janeira, Ana Luísa (1967), *O Vazio no Pensamento de Simone Weil. Ensaio de uma Leitura Interpretativa*, Porto, ed. autor.
- Janeira, Ana Luísa (1971), "O problema do uno e do múltiplo no pensamento de Simone Weil", *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, 27.
- Janeira, Ana Luísa (1980), "Conhecer Simone Weil", *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, 36, 353-365.
- Joaquim, Teresa (1986), "Luce Irigaray: mulher, corpo, pensamento", *Filosofia, Soc. Port. de Filosofia*, 2 (Dez.), 185-189.
- Joaquim, Teresa (1987), "Algumas notas sobre investigação/estudos sobre as mulheres", CCF (polic.)
- Joaquim, Teresa (1988), "Relatório sobre investigação e o ensino feminista e/ou sobre as mulheres em Portugal", Projecto Europeu GRACE, CCF (polic.)
- Joaquim, Teresa (1989), "Note introductive sur la constitution et les buts de la Commission de la Condition Féminine au Portugal", em A. Rabissi e M. B. Perucci (orgs.), *PerleParole: Le Iniziative a Favore dell'Informazione e Della Documentazione Delle Donne Europee*, Milão, Cooperativa Utopia, 131-139.
- Joaquim, Teresa (1991), "Notas sobre os estudos sobre as mulheres em Portugal", CCF (polic.)
- Joaquim, Teresa (1992), "Études sur les femmes au Portugal", *Women's Studies: Feminizing the Academy*, Bruxelas, GRACE.
- Joaquim, Teresa (1997), *Menina e Moça. A Construção Social da Feminilidade, séculos XVII-XIX*, Lisboa, Fim de Século.
- Joaquim, Teresa (1998), "Recensão" de Silvia Tubert (1996), *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 50, 184-187.
- Joaquim, Teresa (1999a), "Criação de humanos e/ou de conceitos. A questão da maternidade n' *O Segundo Sexo*", em Mariza Corrêa (org.), *Cadernos Pagu. Simone de Beauvoir & os Feminismos do Século XX*, Campinas, Ed. Pagu, Unicamp, 165-202.
- Joaquim, Teresa (1999b), "Panorama geral da situação das mulheres em Portugal nos últimos 25 anos", em *A Saúde da Mulher*, Dir. Geral de Saúde, Ministério da Saúde, 165-202.
- Joaquim, Teresa (2000), "Saúde das mulheres: cuidar dos outros, cuidar de si", *ex-æquo*, 2-3, 191-204.
- Joaquim, Teresa (2001), "A (im)possibilidade de ser filósofa", em L. R. Ferreira, (org.), *Também há Mulheres Filósofas*, Lisboa, Caminho, 17-40.
- Joaquim, Teresa (1999), "O(s) corpo(s) feminino(s) na cultura ocidental. Uma antropologia do corpo e uma teoria do conhecimento", comunicação ao Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia [em curso de publicação].
- Joaquim, Teresa (2001), "Participação cívica e política: a questão dos direitos reprodutivos", comunicação ao Colóquio Internacional *Em busca da História das Mulheres Portuguesas*, organizada pela APIHM, 16-18 de Maio [em curso de publicação].
- Joaquim, Teresa, e Fernando Belo (1984), "Feminino sem mulher?" (polémica com António Guerreiro), *Jornal de Letras*, 3 de Julho.

- Kofman, Sarah (1992), "La question des femmes", *Provenances de la Pensée, Cahiers du Grif*, 46, 65-74.
- Laqueur, Thomas (1992), *La Fabrique du Sexe. Essai Sur le Corps et le Genre en Occident*, Paris, Gallimard.
- Le Dœuff, Michèle (1989), *L'Etude et le Rouet. 1. Des Femmes, de la Philosophie, etc.*, Paris, Seuil.
- Le Dœuff, Michèle (2000), "Pas toutes les mêmes", em *De la Différence des Sexes Entre les Femmes*, Forum Diderot, Paris, PUF, 81-91.
- Lock, Margaret (1993a), *Encounters with Aging: Mythologies of Menopause in Japan and North America*, Berkeley, University of California Press.
- Lock, Margaret (1993b), "Cultivating the body: anthropology and epistemology of bodily practice and knowledge", *Annual Review of Anthropology*, 22, 133-155.
- Lopes, Eliane Marta Teixeira (1990), "Histoire des Femmes: uma revisão bibliográfica", *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16 (2), 23-32.
- Lourenço, Nelson, Manuel Lisboa e Elza Pais (1997), *Violência contra as Mulheres*, Lisboa, CIDM.
- Magalhães, Maria José (1998), *Movimento Feminista e Educação. Portugal, Décadas de 70 e 80*, Oeiras, Celta.
- Marques, Leonilde (1999), "Doutoramentos e Mestrados nas Universidades Portuguesas de 1975 a 1998. Estudos sobre as Mulheres/Estudos no Feminino", Lisboa, CIDM (polic.).
- Martino, Giulio, e Marina Bruzzese (1996), *Las Filósofas. Las Mujeres Protagonistas en la Historia del Pensamiento*, com apêndice de Alicia Puleo, "Pensadoras españolas", Madrid, Cátedra.
- Mauss, Marcel (1985; 1950], *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF.
- Mendonça, José T. (2001), "Invocação: Hermínio", *Phala*, 87.
- Monteiro, Hermínio (1997), "Apresentação", em Graça Morais, *As Escolhidas*, Lisboa, Assírio e Alvim.
- Molder, Filomena (1995-1996), "Os sonhos da eterna insomne", *Helena Almeida, Dramatis Persona. Variações e Fugas Sobre um Corpo*, Porto, Catálogo Serralves.
- Monteiro, Fátima (1999), *As Mulheres Agredidas pelos Maridos: de Vítimas a Sobreviventes*, Lisboa, ONGCCCIDM.
- Montreynaud, Florence (1999), *Le XXe Siècle des Femmes*, Paris, Nathan.
- Muraro, Luisa (1991), *L'Ordine Simbolico Della Madre*, Roma, Ed. Riuniti.
- Nogueira, Conceição (1996), "Um novo olhar sobre as relações sociais de género. Perspectiva feminista crítica na Psicologia Social", dissertação de doutoramento, Universidade do Minho.
- Nunes, Etelvina Lopes (1984), "A condição feminina em Emmanuel Lévinas", *Brotéria*, 119, 39-51.
- O'Neill, Brian Juan (1984), *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras. Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana, 1870-1978*, Col. Portugal de Perto, Lisboa, D. Quixote.
- Oudshoorn, Nelly (1994), *Beyond the Natural Body: An Archeology of Sex Hormones*, Londres, Routledge.
- Oudshoorn, Nelly (1998), "Hormones, techniques et corps: L'archéologie des hormones sexuelles (1923-1940)", *Annales, EHESS*, 4-5, 775-793.

- Pais, Elza (1998), *Homicídio Conjugal em Portugal. Rupturas violentas de conjugalidade*, Lisboa, Hugim.
- Perrot, Michelle (org.) (1984), *Une Histoire des Femmes Est-Elle Possible?*, Marselha, Rivages.
- Pinto, José M. da Silva (1991), "Violência e Prostituição", tese de mestrado em Sociologia.
- Porto, Nuno (1991), *O Corpo, a Razão, o Coração. A Construção Social da Sexualidade em Vila Ruiva*, Lisboa, Escher.
- Prado Coelho, Eduardo (1998), "A nudez dos teus conceitos", *Público-Leituras*, (7/2/98).
- Ramalho, Irene (1995), "Rapport national: Formation et Éducation en Europe. Études Féministes et/ou sur les Femmes au Portugal", Relatório Sigma (polic.).
- Ramalho, Irene, e António Sousa Ribeiro (1998/99), "Dos estudos literários aos estudos culturais", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, 61-83.
- Raposo, Paulo (1991), *Corpos, Arados e Romarias. Entre a Fé e a Razão em Vila Ruiva*, Lisboa, Escher.
- Ribeiro, António Pinto (1998), *Corpo a Corpo: Possibilidades e Limites da Crítica*, Lisboa, Cosmos.
- Rich, Adrienne (1980), *Naître d'une Femme. La Maternité en Tant qu'Expérience et Institution*, Paris, Denoël/Gonthier.
- Ruddick, Sarah (1989), *Maternal Thinking: Towards a Politics of Peace*, Londres, Beacon Press.
- Santos, Boaventura Sousa (1991), "Ciência", em M. M. Carrilho, *Dicionário do Pensamento Contemporâneo*, Lisboa, D. Quixote, 23-44.
- Scott, J. W. (1988), "Gender: a useful category of historical analysis", em *Gender and the Politics of History*, Nova Iorque, Columbia University Press, 28-50.
- Silva, Luísa Ferreira da (1995), *Entre Marido e Mulher Alguém Meta a Colher*, Celorico de Basto, À Bolina.
- Silva, Regina T. da (1999), *A Mulher. Bibliografia Portuguesa Anotada (1518-1998)*, Lisboa, Cosmos.
- Sissa, Giulia (1991), "Philosophies du genre. Platon, Aristote et la différence des sexes", em P. Schmitt Pantel (org.), *Histoire des Femmes en Occident*, vol. 1 (L'Antiquité), Paris, Plon, 65-99.
- Sissa, Giulia (1992), "Membres à fantômes: à propos d'un ouvrage de Thomas Laqueur", *Le Corps en Morceaux, Terrain*, 18, Min. de la Culture et de la Communication (Março), 80-86.
- Sissa, Giulia (2000), *L'Ame est un Corps de Femme*, Paris, Odile Jacob.
- Soares, M.<sup>a</sup> da Conceição M. (1996), "A alteridade e o feminino em Emmanuel Lévinas", tese de mestrado, Faculdade Letras de Lisboa.
- Stanley, Liz (org.) (1997), *Knowing Feminisms. On Academic Borders, Territories and Tribes*, Londres, Sage.
- Strathern, Marilyn (1992), *Reproducing the Future: Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies*, Londres, Routledge.
- Strathern, Marilyn (1995), "Necessidade de pais, necessidade de mães", *Estudos Feministas*, 3 (2), 303-329.
- Tavares, Manuela (2000), *Movimentos de Mulheres em Portugal, Décadas de 70 e 80*, Lisboa, Livros Horizonte.

- Toldy, Teresa M. (1998), *Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista*, Lisboa, Ed. Paulistas.
- Tong, Rosemarie (1994), *Feminist Approaches to Bioethics. Theoretical Reflections and Practical Applications*, Boulder, CO, Westview Press.
- Tubert, Silvia (1996), *Mulheres sem Sombra. Maternidade e Novas Tecnologias da Reprodução*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.
- Valcárcel, Amelia (1994), *Sexo y Filosofía. Sobre 'Mujer' y 'Poder'*, Barcelona, Anthropos.
- Vaquinhas, Irene (2000), *'Senhoras e Mulheres' na Sociedade Portuguesa do Século XIX*, Lisboa, Colibri.
- Waithe, M. E. (org.) (1987), *A History of Women Philosophers*, 4 vols., Kewer Academic.
- Woolf, Naomi (1994), *O Mito da Beleza*, Lisboa, Círculo de Leitores.

Teresa Joaquim é Professora da Universidade Aberta. Coordenadora do Mestrado em Estudos sobre as Mulheres. Membro do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI). Membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida. Publicou, entre várias outras publicações, *Menina e Moça: A Construção Social da Feminilidade: Séculos XVII-XIX* (Lisboa, Fim de Século, 1997).  
Contacto: tjoaquim@classic.univ-ab.pt